



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**O USO DO VERBO *SER* EM NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA PESSOAL: UM
ESTUDO SOB A ÓTICA DA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL**

ANDRÉA BEZERRA DOS SANTOS SILVA

**JOÃO PESSOA
2022**

**O USO DO VERBO *SER* EM NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA PESSOAL: UM
ESTUDO SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito à obtenção do título de mestre em linguística.

Área de concentração: Teoria e análise linguística.

Linha de pesquisa: Diversidade e mudança linguística.

Professor orientador: Dr. Denilson Pereira de Matos

JOÃO PESSOA
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586u Silva, Andréa Bezerra dos Santos.

O uso do verbo ser em narrativa de experiência
pessoal : um estudo sob a ótica da linguística
funcional / Andréa Bezerra dos Santos Silva. - João
Pessoa, 2022.
63 f. : il.

Orientação: Denilson Pereira de Matos.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Linguística funcional. 3. Verbo
ser. 4. Oralidade. 5. Marcador discursivo. I. Matos,
Denilson Pereira de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
ANDRÉA BEZERRA DOS SANTOS SILVA**

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois (28/02/2022), às dezesseis horas e trinta minutos, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada **"O USO DO VERBO SER EM NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA PESSOAL: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL"**, apresentada pelo(a) mestrando(a) **ANDRÉA BEZERRA DOS SANTOS SILVA**, Licenciado(a) em **Letras** pelo(a) **Universidade Federal da Paraíba - UFPB**, que concluiu os créditos para obtenção do título de **MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA**, área de concentração **Linguística e Práticas Sociais**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos (PROLING - UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) Adílio Junior de Souza (Examinador/URCA) e Rosana Costa de Oliveira (Examinadora/PROLING-UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito **APROVADO**. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Denilson Pereira de Matos, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 28 de fevereiro de 2022.

Observações

Ampliar as discussões a respeito dos gráficos e das considerações finais. Fazer revisão textual para versão final.

Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Adílio Junior de Souza
(Examinador)

Prof(a). Dr(a). Rosana Costa de Oliveira
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a minha mãe Maria Nazareth Bezerra (in memoriam) pelo incentivo e valorização ao estudo, que para ela sempre foi motivo de luta, e ao meu esposo José Milton pela sua contribuição e crença incansável em minha vida acadêmica. Aos meus estimáveis filhos, Guilherme, Gabriel César e Giovanna Lis, que acompanharam, de diversas formas, essa trajetória tão importante para mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele? A sua fidelidade sempre na hora exata me confirmando que nunca estarei só. A minha mãe Maria Nazareth Bezerra, (que falta você me faz) por toda a sua dedicação, carinho e cuidado que me fizeram chegar até aqui. Toda a importância da vida escolar foi transmitida por você, mainha!

Ao meu esposo, José Milton dos Santos Silva, com quem amo partilhar a vida. Obrigada pelo carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada etapa desta vida acadêmica.

Agradeço aos meus filhos, Guilherme, Gabriel César e Giovanna Lis (ainda na barriga), por suportarem as minhas ausências em momentos tão importantes de suas vidas. Vocês fazem agora tudo ter um novo sentido.

Ao Professor Dr. Denilson P. Matos, por seus ensinamentos, paciência e confiança ao longo das supervisões das minhas atividades e, principalmente, por acreditar em minha capacidade. Eu posso dizer que a minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem a sua pessoa.

Ao meu amigo Sérgio Ricardo, que acompanhou/acompanha este processo desde o início, compartilhando dores, alegrias, dificuldades e conquistas. Muito obrigada por tudo, meu amigo!

Ao meu amigo Fabrício Alexandre, exemplo de dedicação, garra e superação, muito obrigada pelas palavras fortalecedoras que me encorajaram nesta jornada, pelo conhecimento compartilhado nestes anos de pesquisa e durante a realização deste trabalho, pelo apoio e pela amizade. Que Deus continue te abençoando.

Ao meu estimado amigo Walbérico Costa, pela disponibilidade, compartilhamento de livros e o carinho ofertado em todos os nossos encontros.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

“A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem.”

Givón (1971)

RESUMO

Neste trabalho, é feito um estudo sobre o verbo *ser* sob a ótica da linguística funcional, a fim de demonstrar sua classificação nas narrativas de experiência pessoal, levando em consideração sua função discursiva. Estudamos sua trajetória enquanto verbo de ligação nas diferentes gramáticas: histórica, tradicional e funcional. Nesta vertente, analisamos o verbo *ser* na sua forma conjugada *é* dentro das narrativas de experiência pessoal, contamos suas ocorrências e classificamos em verbos de ligação e em marcadores discursivos. Nesse sentido, direcionamos nosso estudo para o funcionamento desse item lexical, de modo a investigar seu uso na oralidade, uma vez que ela é mais espontânea, natural, consequentemente, menos monitorada. Utilizamos os pressupostos da Linguística Funcional Clássica, notadamente, Furtado da Cunha e Tavares, 2018; Givón, (1984); Oliveira e Votre, (2009). A partir desse ponto, analisamos os fenômenos que constituem o objeto de um estudo funcional, o verbo *ser*, na sua forma conjugada *é*, dentre os quais são analisados mais minuciosamente as ocorrências de uso nas narrativas de experiência pessoal, explanando os procedimentos utilizados. Coletamos ocorrências que pudessem evidenciar, de forma sistematizada, o uso do verbo *ser/ é* como item gramatical, levando em consideração sua função discursiva. De forma mais ampla, apresentamos a função mais recorrente no uso do verbo *ser* nas narrativas de experiência pessoal. Nos objetivos específicos, analisamos se essas ocorrências/uso do verbo *ser*, como marcador discursivo, exercem a função de item funcional. Pesquisamos a trajetória em torno das gramáticas objetivando compreender as várias definições apresentadas para o item estudado dentro de diferentes vertentes desde a etimologia até a compreensão do *status* de verbo de ligação e, como fator principal, direcionamos as análises para a visão da linguística funcional. Fizemos um percurso passando pela fundamentação teórica do funcionalismo e uma explanação sobre alguns temas dessa teoria que foram utilizados mais de perto em nossas análises, como “prototipicidade”, “gramaticalização”, “ciclo funcional” e “unidirecionalidade”. Os resultados apresentados neste item foram obtidos a partir de trechos de narrativas de experiência pessoal extraídos do *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998), objetivando analisar as recorrências do verbo de ligação *ser/é* sob a abordagem da linguística funcional. Esta pesquisa se classifica como quali-quantitativa, pois é quantificável, e traz para análise informações com uso de recursos e técnicas para tal abordagem. Dito isto, ressaltamos também a presença da abordagem quantitativa, que se justifica pela utilização dos dados extraídos do *Corpus Discurso & Gramática* que foram estudados em um ambiente sem qualquer manipulação do pesquisador. Por fim, concluímos que as análises obtidas por meio do estudo funcionalista sobre o verbo *ser* nas narrativas de experiência pessoal são dissonantes das construções previstas nas gramáticas normativas e históricas, o que nos possibilita afirmar que o item lexical estudado, dentro das narrativas orais analisadas, apresenta uma nova categorização gramatical: a de marcador discursivo.

Palavras-chave: Linguística Funcional. Verbo *ser*. Oralidade. Marcador discursivo.

ABSTRACT

In this work, a study was conducted on the verb to be from the perspective of functional linguistics, in order to demonstrate its classification in the narratives of personal experience, taking into account its discursive function. We studied its trajectory as a linking verb in different grammars: historical, traditional, and functional. In this aspect, we analyze the verb to be in its conjugated form, and within the narratives of personal experience, we count its occurrences and classify it into linking verbs and discursive markers. In this sense, we direct our study to the functioning of this lexical item, in order to investigate its use in orality, since it is more spontaneous, natural, and consequently, less monitored. We used the assumptions of Classical Functional Linguistics, specially Furtado da Cunha and Tavares, 2018; Givón, (1984); Oliveira and Votre, (2009). From this moment forward, we analyze the phenomena that constitute the object of a functional study, the verb to be, in its conjugated form, among which the occurrences of use in the narratives of personal experience are analyzed in more detail, we explain the procedures used. We collected occurrences that could evidence, in a systematic way, the use of the verb to be as a grammatical item, taking into account its discursive function. More broadly, we present the most recurrent function in the use of the verb to be in the narratives of personal experience. In the specific objectives, we analyzed whether these occurrences/use of the verb to be, as a discursive marker, exert the function of a functional item. We researched the trajectory around grammar in order to understand the various definitions presented for the item studied within different aspects from etymology to understanding the status of linking verb and as a main factor we directed the analysis to the view of functional linguistics. We established a journey through the theoretical foundation of functionalism and an explanation of some themes of this theory that were used more closely in our analyses, such as “prototypicality”, “grammaticalization”, “functional cycle” and “unidirectionality”. The results presented in this item were obtained from excerpts from narratives of personal experience extracted from Corpus Discurso&Gramática: the spoken and written language in the city of Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), aiming to analyze the recurrences of the linking verb *ser/ it is* under the approach of functional linguistics. This research is classified as quali-quantitative, as it is quantifiable, and brings information for analysis using resources and techniques for such an approach. That said, we also emphasize the presence of the quantitative approach, which is justified by the use of data extracted from the Corpus Discurso&Gramática that were studied in an environment without any manipulation by the researcher. To summarize, we conclude that the analyzes obtained through the functionalist study on the verb to be in the narratives of personal experience are dissonant from the constructions foreseen in the normative and historical grammars, we affirm that the lexical item studied, within the analyzed oral narratives, presents a new categorization grammatical: a discursive marker.

Keywords: Functional Linguistics. The verb to be. Orality. Discursive marker.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação dos verbos na Gramática de Cunha e Cintra.....	19
Quadro 2 - Tipos de Predicado na Gramática de Cegalla	25
Quadro 3 - Concepções de linguagem para o Funcionalismo	35
Quadro 4 - Categorias apresentadas pelo princípio da marcação.....	36
Quadro 5 - Critérios de transitividade oracional	37

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

D&G - *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*

FAF - Ensino Fundamental Anos Finais

FAI - Ensino Fundamental Anos Iniciais

EM - Ensino Médio

PB - Português do Brasil

ES - Ensino Superior

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ABORDAGEM SOBRE O VERBO <i>SER</i>.....	15
2.1 Abordagem histórica do verbo <i>ser</i>	15
2.2 Abordagem tradicional do verbo <i>ser</i>	18
2.3 Os predicados nas gramáticas tradicionais	24
2.4 Para além da classificação verbal: propriedades semânticas sobre a sintaxe	27
2.5 Abordagens da gramática funcional	30
3 ABORDAGEM DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL	33
3.1 Pressupostos funcionais.....	35
3.1.1 Iconicidade	35
3.1.2 Marcação.....	36
3.1.3 Transitividade.....	37
3.1.4 Planos discursivos	38
2.1.5 Informatividade	39
2.1.6 Gramaticalização e discursivização.....	39
2.1.7 Ciclo funcional e unidirecionalidade	40
2.1.8 Prototipicidade	41
4 METODOLOGIA.....	43
4 ANÁLISE DOS DADOS	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

A linguística funcional estuda o funcionamento da língua em uso, compreende os vários contextos presentes, defende que a estrutura da língua é moldada a partir da intenção comunicativa dos falantes, ela observa os usos linguísticos e rejeita o tratamento ingênuo que homogeneiza, engessa e estagna os itens da língua. Ao mesmo tempo, o funcionalismo traz reflexões e analisa as relações presentes entre discurso e gramática. Segundo Neves (2006), os pontos centrais em uma gramática funcionalista são: o uso em relação ao sistema, o significado em relação à forma, e o social em relação ao individual.

Nesse sentido, tendo em vista o fato de que uma mesma estrutura pode desempenhar papéis distintos em um determinado texto, assim questionamos: Quando um elemento pode receber uma nova categorização gramatical? Nesta vertente, analisaremos como a concepção da linguística funcional pode auxiliar nos estudos sobre o verbo *ser* dentro das narrativas de experiência pessoal.

Visando esse questionamento, objetivamos apresentar um estudo sobre o verbo *ser* sob a ótica da linguística funcional, a fim de demonstrar sua classificação nas narrativas de experiência pessoal, levando em consideração sua função discursiva.

O objetivo geral deste estudo é apresentar a função mais recorrente no uso do verbo *ser* nas narrativas de experiência pessoal. Nos objetivos específicos, analisar se essas ocorrências/uso do verbo *ser* como marcador discursivo exercem a função de item funcional.

Numa concepção geral, desvinculado de propostas de escolhas particulares, o funcionalismo é uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa exatamente das funções dos meios linguísticos de expressão.

É fundamental compreender que as línguas sofrem mudanças constantes. Ao observar a língua e sua relação com o tempo, é possível perceber que ocorreram muitas transformações. Nessa perspectiva, é possível constatar que várias pesquisas já foram realizadas a esse respeito, dentre elas ressaltamos: Furtado (2018), que analisa de forma central o tratamento da mudança linguística sob a ótica da Linguística Funcional, traçando um breve histórico da abordagem desse fenômeno a partir de vieses distintos no âmbito do paradigma funcionalista. Ainda nesse contexto, Sanderléia Roberta (2020) investiga os processos de mudança linguística que deram origem às construções condicionais com a trajetória de mudança do termo *caso*, na história do português, à luz do quadro teórico da gramaticalização. Em sua pesquisa, Santos (2007) pontua a função do verbo *ser* no discurso por meio da visão sistêmico-funcional, que tem como objetivo

analisar, dentro do contexto discursivo, a aplicação do verbo *ser* na perspectiva na linguística sistêmico-funcional. Para Oliveira (2012), em seu estudo funcional sobre o verbo *esperar*, é fundamental descrever o processo de mudança pelo qual *esperar* passou, ou melhor, passa, é necessário considerar aspectos relevantes, para esta pesquisa, acerca da gramaticalização. Neste estudo, buscamos analisar nas narrativas de experiências pessoais as ocorrências do verbo *ser* como marcador discursivo que exercem a função de item funcional, dentro desse contexto, verificar se, de fato, ocorre um processo de gramaticalização com o item estudado.

Justifica-se a pesquisa realizada, pois as descrições dos verbos *ser* relativas ao sistema da língua portuguesa não dão conta das variações do uso efetivo desses verbos pelos seus falantes nativos. Vários autores na atualidade têm se preocupado com o uso efetivo da língua.

Para tanto, no primeiro capítulo, faremos uma trajetória em torno das gramáticas objetivando compreender as várias definições apresentadas para o verbo dentro de diferentes vertentes.

Em seguida, no segundo capítulo, apresentaremos as abordagens teóricas da concepção funcionalista e seus pressupostos com intuito de problematizar os conceitos estudados e, posteriormente, relacioná-los às análises apresentadas. Dessa forma, discutiremos sobre: iconicidade, marcação, transitividade, planos discursivos, informatividade, gramaticalização, discursivização, ciclo funcional, unidirecionalidade e prototipicidade. Na abordagem funcionalista a concepção, a noção de função é compreendida não apenas como mero elemento sintático, mas como união da estrutura com a função. O falante precede escolhas e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas, conforme Halliday (1985).

Nos procedimentos metodológicos, terceiro capítulo, explanaremos os procedimentos utilizados. Coletaremos ocorrências que poderão evidenciar, de forma sistematizada, o uso do verbo *ser* como item gramatical. Apresentaremos o *corpus* utilizado nesta pesquisa para demonstrar a aplicação do verbo *ser* em sua forma conjugada e nas narrativas de experiência pessoal e analisaremos se existe um processo de gramaticalização do verbo estudado.

Posteriormente, no quarto capítulo, apresentaremos as análises transcritas, os dados obtidos, a exemplificação, a marcação do verbo estudado e um breve direcionamento dos estudos que serão aprofundados na conclusão da pesquisa.

2 ABORDAGEM SOBRE O VERBO *SER*

Neste capítulo, discorreremos sobre alguns direcionamentos para a origem do verbo *ser*, com intuito de favorecer a compreensão das estruturas existentes na atualidade formadas a partir desse verbo. Posteriormente, apresentaremos uma revisão panorâmica acerca do tratamento dado por autores ao verbo *ser* em suas obras. Para tanto, selecionamos gramáticas que apresentam três abordagens distintas: a histórica, a tradicional e a que se pode tratar por funcional, já que se preocupa em abordar, dentre outros aspectos, as funções que esse verbo assume em situações de uso efetivo da língua.

2.1 Abordagem histórica do verbo *ser*

As gramáticas históricas de língua portuguesa foram redigidas por autores que se situam na fase histórica da gramática brasileira e, por estarem relacionadas a um período específico, trazem informações fundamentais para o estudo diacrônico. Iniciaremos esse percurso pela *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (SAID ALI, 1927). Nessa gramática, Said Ali versa sobre as transformações morfofonéticas pelas quais passaram as estruturas da língua ao longo do tempo, do latim ao português (por exemplo, o desaparecimento de certos sufixos verbais). Descreve formas, tempos, conjugações e desinências verbais. Ao tratar dos verbos, o autor focaliza “espécies, formas e significação” (sic). De acordo com o autor (1927, p. 138),

Verbo é a criação linguística destinada a expressar a noção predicativa. Denota a acção ou estado nas linguas do grupo aryano possui sufixos proprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo numero (singular ou plural; em alguns idiomas também o dual), o tempo (actual, vindouro ou preterito) e o modo de acção (real,possivel, etc.). (sic).

O gramático utiliza o verbo *ser* como exemplo para explicar as mudanças nas desinências *-tes* e *-te*, da segunda pessoa do plural:

As desinencias -tes, -te da 2.^a do plural continuaram a usar-se abrandada dental sob a forma- des-de ainda linguagem do século XIV estendendo-se este uso a sodes criação analógica por influencia de som (port. mod. sou) somos. Desta epoca em diante sodes simplifica-se primeiro em sodes, depois em sois, a dental do sufixo desaparece por toda a parte, excepto no futuro do conjuntivo e infinitivo flexionado (nos quaes se manteve, apesar da vacilação havida ainda entre seiscentistas), nas formas vades (pres. do conj. de ir), sede (imperativo de ser), e no presente do indicativo e imperativo dos verbos monosyllabicos (e compostos) da 2.^a e 3.^a conjugação ver, crer, ler, ir[...] (sic).

Da etimologia de *ser*, tem-se a forma *sēdērē*, apresentada como *sēdēo ēs, ēre, sēdī, sēssūm, sēdērē* (SARAIVA, 2006 p.1078). Alguns significados para essa forma são: estar sem fazer coisa alguma, estar de braços cruzados, ficar imóvel, parar, permanecer, estabelecer-se, estar fixo, estar decidido, resolvido (assentado), afundar-se, entrar, penetrar, pousar, acalmar-se, estar sentado ou assentar-se, tomar assento (como autoridade), não sair do lugar, estar, estacionar, ficar, morar, residir, estar colocado, pôr sobre, estar à venda, ficar ou estar ocioso, abater-se, montar a cavalo.

Na etimologia apresentada acima, aparece também o verbo “estar” na locução “estar sentado”. Sobre esse verbo, no que tange à sua morfologia e conjugação, observamos que: “Dar e estar formam respectivamente dou, dás, dá, damos, dais (port. ant. dades), dão; estou, estás, está, estamos, estais (port. ant. estades), estão. Sobre estar conjuga-se como estar [...] (sic)” (SARAIVA, 2006, p. 149). Posteriormente, o autor volta a utilizar o verbo *ser* para demonstrar mudanças morfológicas ocorridas do latim para o português.

A definição apresentada também mostra que o valor de verbo pleno, com a significação de ‘estar sentado’ ou ‘estar em pé’, foi usado no período arcaico. Comparativamente, verbos como ‘estar’ e ‘ir’ no português contemporâneo são frequentemente usados como auxiliares para se exprimir o aspecto durativo (MATTOS E SILVA, 1993). Isso resultaria no desaparecimento de *ser* + gerúndio e como verbo pleno, segundo Castilho (2010). Porém, é possível nunca ter havido exatamente uma perífrase de gerúndio com *ser*, uma vez que este era usado como verbo pleno.

Mattos e Silva (1993 p.66) demonstra ainda que o verbo *ser* era usado tanto para atributos permanentes quanto para transitórios, enquanto que o verbo *estar* era usado em predicados que denotavam atributos transitórios:

- a. Eu **sei** don Afonso (...), sendo sano e salvo (estando).
- b. Sempre me temi d’ele mas já agora **sou** seguro que nunca me dará (estou).
- c. As iffantas suas filhas **era** certo que estariam seguras.

A partir da etimologia dos verbos *ser* e *estar*, é possível compreender o uso desses verbos, e, por essa razão, faz-se importante seu estudo semântico e etimológico. Contudo, as gramáticas históricas e tradicionais não se aprofundam ou não abordam a etimologia desses verbos. Essas gramáticas se restringem, portanto, a atribuir ao verbo *ser* a noção de permanência e ao verbo *estar*, a de transitoriedade, além de seus aspectos morfossintáticos.

A partir da análise dos trechos relacionados ao verbo *ser* nas gramáticas selecionadas, percebemos que há grande diferença no tratamento dado por elas ao referido verbo. No que tange às gramáticas de cunho histórico, tratam desse verbo morfológicamente, considerando-o apenas enquanto léxico e tratando de suas flexões de forma a diferenciar as regulares das irregulares – embora na gramática de Said Ali (1927) seja possível observar que, em certa medida, ele se preocupa com as funções desses verbos enquanto verbos de ligação –, além de frisar sempre as mudanças pelas quais esses verbos passaram em sua transição do latim para o português.

Na gramática histórica, J. J. Nunes destaca as mudanças ocorridas pelos verbos em sua passagem do latim para o português. Nesta perspectiva são abordados apenas as concepções morfológicas, bem como, as alterações fonéticas. Não há preocupação com o uso, com a sintaxe, com a semântica. O verbo *ser* é tratado por J. J. Nunes como pertencente à classe dos verbos que o autor chama de *presentes anômalos* (p. 294-295):

Ser. Decerto em virtude da sinonímia de significação, que na língua vulgar existiu entre os verbos *esse* e *sedere*, resultou que o primeiro tomou o segundo, que tinha conjugação completa, formas que não possuía ou perdera no território galécio-português, como foram: o gerúndio, infinitivo e portanto o futuro e condicional, o conjuntivo e imperativo. Ainda no presente do indicativo deram-se certas modificações: a primeira pessoa, depois de ter conservado durante bastante tempo a forma regular *som*, trocou-a pela actual *sou*, resultante da influência sobre aquela de igual pessoa de outro verbo, também de sentido idêntico, *estar* a terceira perdeu regularmente o *t* final [...] e depois o *s*, que a tornava anômala e a confundia com a 2.^a; esta do plural foi refeita, ainda no latim vulgar, sobre a primeira do mesmo número, passando de *estis* a **sutis*. (sic)

Das mudanças apresentadas pelo autor há uma lista de conjugações verbais que, segundo ele, existiam, no latim, formas diferentes das encontradas à época em que o compêndio foi publicado. Dentre esses verbos estão *estar*, de primeira conjugação, e *ser*, de segunda (p. 320):

estar	Ind. pret. <i>estive</i> , <i>estiveste</i> , etc. (<i>*estede</i> , <i>*estedeste</i> , <i>estede</i> , <i>*estedemos</i> , <i>*estedestes</i> , <i>estederom</i> e <i>estiviou</i> <i>estive</i> e <i>esteve</i> , <i>esteveste</i> , <i>esteve</i> e <i>estevo</i> , etc. Da 1. ^a forma deve ter havido os derivados: <i>estedera</i> ,
--------------	--

**estedesse, *esteder, da 2.^aestivera, etc., estevesse, etc., estever, etc.).*

Conj. pres. *esteja, etc. (estê ou stê, estês, esté, estemos, estedes, estêm).*

[...]

ser

Ind. pres. *sou, és, é, etc. (são, som, são, soo, sou, es, é (também este), somos, sedes, som e sejo, sees, see, seemos e semos, seedes e sedes, seem).*

Imp. *era, eras, era, etc. (era, eras, era, etc. e seía, seías, seía, etc., depois siia, siias, etc. e sai, sias, sia, etc.).*

Perf. *fui, foste, foi, etc. (foi ou fui, fustí, fuste, fuisti, foste, foi ou fui, fomos, etc. e sevi ou sive, seveste, seve, seveamos, sevestes, severom. De aí, a par de fôra, fôsse, fôr, também severa, etc., sevesse, etc., sever, etc.).*

Fut. *serei, serás, será, etc. (seerei, seerás, etc. e assim o condicional.).*

Imp. *sê, sêde (see ou sei e sê, sede, sede).* Conj. pres. *seja, sejam, etc.*

Ressalta-se que o autor se restringe à forma e às conjugações, debruçando sua análise a questão lexical, optando deixar de fora, as funções sintáticas pragmáticas e semânticas.

2.2 Abordagem tradicional do verbo ser

Inicialmente, interessa a esta pesquisa apresentar, para um melhor entendimento acerca das funções exercidas pelo verbo *ser*, as divisões e classificações de estudo advindas da gramática tradicional. Em geral, tal divisão é apresentada da seguinte forma: a fonética, estudo sincrônico das particularidades fônicas de um sistema linguístico determinado; a morfologia, estudo da constituição das palavras e dos processos pelos quais elas são construídas a partir de suas partes componentes; e a sintaxe, cuja definição será aprofundada posteriormente. As gramáticas tradicionais são construídas para criar uma instância de controle da variação linguística tendo, portanto, o objetivo político de preservar um padrão gramatical para a nação.

Nesse contexto, a gramática tradicional define a sintaxe como parte da gramática que se dedica ao estudo dos constituintes que integram palavras enquanto elementos de uma frase, as suas relações de concordância, de subordinação e de ordem. É importante observar, também, que a sintaxe tem sido definida comumente como estudo da estrutura interna da língua e dos elementos da frase. Com efeito, podemos afirmar que existe uma consonância nas definições apresentadas sobre a sintaxe. Bechara (2001 p. 285) define a sintaxe como o “estudo das combinações materiais ou funções sintáticas”. Ainda segundo o autor, ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de “formas”, ainda que essa seja combinação com zero ou ausência de “forma”, logo, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe. Já Celso Cunha (2000, p. 302) define tal termo como “um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação”. Posteriormente, o autor acrescenta que “a parte da gramática que descreve as regras (...) para formar frases denomina-se Sintaxe” (p. 304).

A partir das definições supracitadas, podemos avançar para a definição de “verbo”, elemento primordial, dentro das relações de estrutura e organização das orações. Segundo o gramático Ernani Terra (2006, p. 220), verbo é “o termo como palavra variável em pessoa, número, tempo, modo e voz que exprime um processo, isto é, aquilo que se passa no tempo”. Já Rocha Lima (2005, p. 130) afirma que “O verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. [...] Estes acidentes gramaticais fazem com que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz”. Nos estudos sintáticos, os verbos recebem uma atenção especial, são classificados de diferentes formas e participam de maneira eficaz nas relações construídas. Na gramática tradicional, eles são divididos em grupos e internamente classificados de diferentes formas: intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos e os verbos de ligação. Para ilustrar essa classificação, destacaremos no quadro, a seguir, os tipos de verbos seguidos de suas definições e exemplos apresentados na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2016).

Quadro 1 - Classificação dos verbos na Gramática de Cunha e Cintra

CLASSIFICAÇÃO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Intransitivos	Ação integralmente contida nas formas verbais. Nos verbos intransitivos a ação não vai além do verbo.	Sobe a névoa... A sombra desce ... (PC, 281)
Transitivos diretos	A ação expressa pelo verbo transmite-se a outros elementos. O termo da oração que lhes integra o sentido recebe o nome de objeto direto.	Ela invejava os homens . (OM, 207.)
Transitivos indiretos	A ação expressa pelo verbo transita para outros elementos da oração (a cena e o pobre tolo) indiretamente, isto é, por meio da preposição a.	Da janela da cozinha as mulheres assistiam à cena . (R. de Queirós, TR,15.)

	Tais verbos, por conseguinte, <i>transitivos indiretos</i> . O termo da oração que completa o sentido de um verbo transitivo indireto denomina-se <i>objeto indireto</i> .	Perdoem ao pobre tolo. (C. dos Anjos, DR, 235.)
Transitivos diretos e indiretos	A ação expressa pelos verbos transita para outros elementos da oração, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente OBJETO DIRETO e INDIRETO para completar-lhes o sentido.	O sucesso do seu gesto não deu paz ao lombá . (M. Tomba), (NCM, 51.) Apenas lhe aconselho prudência . (C.de Oliveira, CD, 94)
Verbos de ligação	Os verbos de ligação (ou copulativos) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de carácter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; servem apenas como elo entre este e seu predicativo. Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que apresentam um determinado texto a fim de classificá-los como acerto.	Exemplo 1. (verbos de ligação). Eu sou a tua sombra. Estavas triste. Andei muito preocupado. Fiquei pesaroso. Continuamos silenciosos. Exemplo 2. (verbos significativos). Estavas em casa. Andei muito triste. Fiquei no meu posto. Continuamos a marcha.

Fonte: Cunha e Cintra (2016 p. 149)

De acordo com Abreu (2006, p. 94), “O verbo *ser*, que é um verbo sem estrutura argumental, cuja função básica é a de veicular o tempo da oração, ligando o predicativo ao seu sujeito. Por esse motivo recebe o nome de Verbo de Ligação”.

Como podemos observar, o verbo *ser* é definido nos estudos gramaticais, em sua essência, como verbo de ligação, como podemos observar:

Eu *sou* a tua sombra.
Vitória *é* bonita.
Eu *sou* estudante.
Deus *é* onipotente.
Eu *sou* aluna da disciplina.
Felipe *é* cantor.

Os elementos classificados como verbos de ligação são termos, como outros constituintes da categoria verbal, dotados de todas essas propriedades. Propagam sentido, assim é possível perceber que há uma necessidade de rever a classificação dos verbos de ligação, que recebem essa nomenclatura pelo fato de sua relação ser restrita apenas à ligação entre sujeito e predicado, e essa classificação é justificada, como posto em gramáticas tradicionais, pelo fato de existir pressupostamente um “esvaziamento” de sentido.

Vale ressaltar o fato de que o verbo relaciona dois elementos dentro de uma estrutura frasal, sujeito e predicativo, que nos contextos apresentados transcendem o elemento que o relaciona e recai muito mais sobre o predicativo. Isso não justifica embasar a afirmação de que

os verbos de ligação se resumem a elementos não-significativos, posto que segundo Bechara (2001 p. 427), “(...) o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (...)”. Nessa perspectiva, propomos mostrar o verbo *ser*, em certas circunstâncias estruturais de discurso, com um efeito de transitividade direta, visto que seu complemento tem um núcleo substantivo constituindo um sintagma nominal. A abordagem descrita é fundamentada nos estudos dialéticos de Fernandes Jr. (2015), apresentados numa pesquisa de campo realizada na sala de aula em que se aplica ao verbo, na estrutura sintagmática de uma oração, as questões: “O QUE?”¹ e “DE QUE MODO?”, tendo em vista enfocar o objeto direto e o predicativo do sujeito, suscitando uma relação semântica entre os “seres” da significação de um e outro e o *ser* da significação do sujeito.

É importante pontuar, também, a necessidade apresentada nos estudos da gramática tradicional de classificar/definir as estruturas oracionais com o verbo *ser* analisando apenas o sujeito e o predicativo do sujeito, sem que se busquem outras possibilidades de identificação de funções sintagmáticas. Nesse sentido, percebemos a necessidade de considerar a ideia de que todo verbo possui funções que permitem a ocorrência de qualquer sintagma sem se restringir a uma classificação já definida.

Para um melhor entendimento das questões apresentadas, é importante aprofundar os estudos sobre as diferenças entre o objeto direto e o predicativo do sujeito. Segundo o estudo apresentado por Fernandes Jr. (2015), observamos uma análise sintagmática referente ao objeto direto e predicativo do sujeito, que permite refletir sobre determinados resultados diferenciados dos estudos tradicionais. Assim, ao aplicar a pergunta “O QUE?” ao verbo, obtemos o objeto direto e o predicativo do sujeito, como observamos no exemplo abaixo:

(1) Ele **comprou** um carro.

(2) Ela **está** muito alegre.

Percebemos que ao aplicar a pergunta aos verbos destacados obtemos as respostas: em (1) *carro* e em (2) *alegre*, de modo que é possível compreender que as respostas podem ser consideradas objeto direto no exemplo (1) ou predicativo do sujeito no exemplo (2). Conforme Fernandes Jr. (2015), essa pergunta “O QUE?” infere semanticamente uma relação entre o *ser* da significação do sujeito e o *ser* da significação do sintagma interpretado como resposta. Para critério de comprovação de resposta, é preciso que se aplique novamente ao verbo a questão “DE QUE MODO?”. Se o sintagma-resposta da questão “O QUE?” for resposta também para

¹ Optamos por manter essas questões grafadas em caixa alta, como utilizadas pelo autor.

tal questão, há de se considerá-lo um predicativo do sujeito. Em caso contrário, o sintagma será considerado um objeto direto. Assim, o objeto direto deve ser resposta só da questão “O QUE?” e o Predicativo do Sujeito deve ser resposta das duas questões “O QUE?” e “DE QUE MODO?”. Assim, em (1), o sintagma “um carro” é resposta da questão “O QUE?”, mas não é resposta da questão “DE QUE MODO?”, de forma que sua função é Objeto Direto e, em (2), o sintagma “muito alegre” é resposta das questões “O QUE?” e “DE QUE MODO?”, considerando-se assim a sua função de predicativo do sujeito. Para o autor, em algumas situações, a relação estabelecida nas estruturas oracionais do verbo *ser* pode sofrer modificação em seus aspectos semânticos e sintáticos, uma vez que novas condições, sentidos e relações podem ser apresentados. Nesse sentido, o autor afirma:

O verbo *ser* segue as variações gerais da predicação verbal, dependendo da estrutura oracional em que se insere, podendo ser verbo de ligação, transitivo direto, transitivo indireto ou intransitivo, conforme os sintagmas constituintes da oração, independente da visão clássica de ‘regência verbal’, que estaciona os verbos da língua ao uso condicionado sem ou com preposições específicas e incontestáveis a quaisquer análises linguísticas. (FERNANDES, 2015, p. 10).

Diante das abordagens apresentadas, é possível inferir que existem outras possíveis classificações para o verbo em análise, dentre elas, as previstas na oralidade, principalmente, nas narrativas em que o uso do verbo *ser* orienta algumas marcações do discurso, sobre as quais discorreremos posteriormente. Os aspectos apontados nas definições das formas nominais do verbo, em sua maioria, decorrem do aspecto semântico. Essa delimitação, muitas vezes, sem um sentido sintático plausível, causa estranhamento para os estudantes da língua. As noções verbais nas gramáticas tradicionais classificam os verbos em grupos: verbos transitivos, verbos intransitivos e verbos de ligação.

Nessa classificação, o verbo *ser* é nomeado pelas gramáticas tradicionais dentro do conjunto dos “verbos de ligação” e citado como elemento de mera ligação entre o sujeito e o predicativo do sujeito, ou seja, vazio de significado e restrito a uma classificação morfológica. Nesse contexto, é importante apresentar algumas definições sobre o verbo analisado. Para Cegalla (2010, p. 319), “A definição é apresentada como verbo auxiliar unido ao estar, ter e haver”. Já a gramática de Cunha (2017) define o verbo *ser* como um verbo de estado. Os verbos de ligação incluem-se naturalmente entre aqueles que evocam um estado, ou melhor, uma mudança de estado. Servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal e não trazem propriamente ideia nova ao sujeito funcionam apenas como elo entre este e seu predicativo.

De acordo com Almeida (2009, p. 289), “O verbo *ser* é chamado de verbo auxiliar verbos que se comunicam com outro, chamado principal, que pode estar no infinitivo, particípio ou gerúndio”. Os verbos de ligação mais comumente utilizados na língua portuguesa são: *estar*, *ter* e *haver*.

Conforme Bechara (2001) e Rocha Lima (2000) os verbos que exercem a função de verbos de ligação são: *ser*, *estar*, *permanecer*, *continuar*, *parecer*, *ficar*, *entre outros como*, *andar*, *achar-se*, *cair*, *converter-se*, *encontrar-se*, *fazer-se*, *meter-se a vive*, *virar* e *tornar-se*. Ainda de acordo com Bechara (2001), há divergências entre as classificações dos verbos nocionais e relacionais, uma vez que, para o gramático, tal distinção é válida até certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe. O autor afirma que o núcleo da oração é sempre um verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago, como o verbo *ser*, ao ponto de ele ser reduzido ao grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal, mas em nada se difere de outros verbos, já que todos possuem “morfemas, pessoa e número que com sujeito gramatical dão fundamento a oração” (p. 425). Para Bechara e Rocha e Lima, os verbos de ligação não apresentam ideias novas a respeito do sujeito, por isso, apresentam-se apenas como elemento de ligação dentro de uma sentença.

A concepção de esvaziamento semântico alegada como justificativa para classificação dos “verbos de ligação” e, conseqüentemente, a ocupação da função de predicativo vem sendo revisada por alguns gramáticos, uma vez que outras classes de palavras também ocupam ou podem exercer essa função, a exemplo dos adjetivos, substantivos e advérbios, que podem ser analisados, conforme os seguintes exemplos apresentados por Bechara (2001 p. 426):

(3) Os vizinhos **estão** bem.

(4) Os jovens **são** assim.

Ainda nessa lógica, o gramático questiona se vale a pena fazer distinção entre o predicado verbal e nominal e quanto ao seu *status* de verbo, uma vez que esses elementos apenas ligam orações, e, em alguns casos, atuam como marcador temporal. Segundo Bechara (2006, p. 407), “do ponto de vista funcional e formal, os verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos”, mas mesmo se tratando de uma gramática tradicional, o autor já vislumbra a desnecessidade de diferenciação entre os predicados: verbal, nominal e verbo-nominal, a justificativa para tal concepção é baseada na formulação da relação predicativa que é estabelecida tendo o verbo como núcleo.

2.3 Os predicados nas gramáticas tradicionais

“O ser se diz de várias maneiras...”. Com essa frase, Aristóteles funda uma nova maneira discursiva de se alcançar a verdade das coisas.

“Das coisas que dizemos, dizemos de dois modos: ou por composição ou sem composição” (ARISTÓTELES, 2000, 2, 1b 15-20). Aquilo que afirmamos por composição formulou uma linguagem predicativa e as sem composição são as linguagens não predicativas. Para Aristóteles, somente as linguagens predicativas são assertóricas, isto é, sentenciam uma afirmação ou negação, podendo ser verdadeira ou falsa, consequentemente, as únicas válidas, pois permitem que formulemos definições, combinando sujeito e predicado e daí sabermos o que as coisas são, descrevendo a realidade. As composições são formuladas mediante a combinação das coisas ditas sem composição, que em si mesmas não são nem verdadeiras nem falsas, mas que combinadas umas com as outras são verdadeiras ou falsas. Segundo Aristóteles,

Não dizemos que cada uma das coisas que mencionamos em si mesma e por si mesma, seja uma afirmação, mas é através da sua combinação umas com as outras que se gera a afirmação. Com efeito, ao que parece, toda afirmação é verdadeira ou falsa, mas de entre as coisas que se dizem sem qualquer ligação, nenhuma é verdadeira ou falsa, como por exemplo, homem, branco, corre, vence. (ARISTÓTELES, 2000, 2, 2a 5-10).

Nessa lógica, toda declaração válida é uma proposição assertórica que se realiza por meio das categorias, desse modo, todo o conhecimento é categorial, ou seja, predicativo. Para Aristóteles, a única válida para definir as substâncias. Segundo essa linha de pensamento, o conhecer está entrelaçado ao predicar, que é conceder predicados a um substrato: “de entre as coisas que se dizem sem qualquer ligação, cada uma delas significa substância ou quantidade ou qualidade ou relação ou lugar ou tempo ou posição ou posse ou ação ou paixão” (ARISTÓTELES, 2000, 4, 1b 25 *apud* AQUINO, 2015). Sendo assim, é importante pontuar que a predicação é um elemento de constante interesse linguístico. Contudo, algumas análises não trazem para os estudos recentes a multifuncionalidade dos fenômenos investigados. Fato esse que contribui para a repetição da ordenação lógica direcionada por Aristóteles, por exemplo, as gramáticas tradicionais que herdaram a oposição sujeito/predicado fundamentada nos princípios da lógica.

Assim, é atribuída ao sujeito a definição de “ser aquele sobre o qual se diz algo; e o predicado aquilo que se diz do sujeito” (LIMA, 2000, p. 234), oposição com a qual Tesnière (1959) e Fillmore (1968; 1977) divergem, por argumentarem que não há elementos nos fatos da língua para tal afirmação. O quadro, a seguir, mostra os tipos de predicados, seguidos de

suas definições e exemplos, apresentados na *Novíssima Gramática Língua da Portuguesa*, de Cegalla (2008).

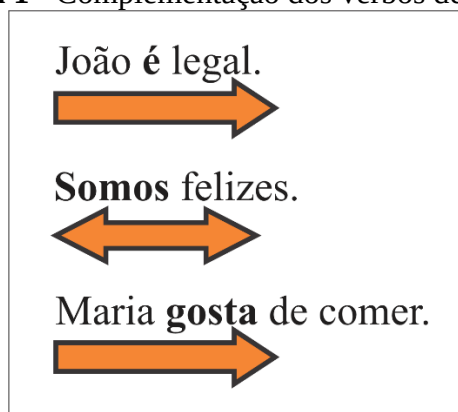
Quadro 2 - Tipos de Predicado na Gramática de Cegalla

CLASSIFICAÇÃO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Predicado verbal	Constituído com verbo é de ação e pode ser classificado em transitivo direto, quando necessita de objeto direto; em transitivo indireto, quando necessita de objeto indireto; em transitivo direto e indireto, quando necessita de ambos os complementos, e em intransitivo, quando não necessita de complementação alguma por conter em si o significado total.	Eu abri a porta com cuidado. As orquídeas gostam de ambientes úmidos e quentes.
Predicado verbo-nominal	Aquele cujo verbo também é de ação, mas apresenta um complemento predicativo.	O homem anda triste. O trem chegou atrasado.
Predicado nominal	Aquele cujo predicador é um nome (substantivo ou adjetivo) que se liga ao sujeito por um ‘verbo de ligação’	A terra é móvel. Eles são felizes.

Fonte: Cegalla (2008 p. 335)

Nessa concepção da gramática tradicional, os complementos do verbo apenas acrescentam ao que integra à direita. Dessa forma, a transitividade se relaciona com a necessidade de complemento que traz/completa o sentido do verbo à direita, ou seja, a transitividade é vista de forma recursiva, circular e repetitiva. Essa classificação não considera, portanto, o sujeito enquanto complemento, o que direciona para uma análise dos estudos sobre os verbos de ligação.

Na perspectiva de classificação verbal, o complemento à direita e essa visão de classificação tornou-se prototípica da categoria. Dessa forma, os verbos de ligação foram excluídos da nomeação de “verbo em totalidade”. Assim, os verbos que não seguiam o molde apresentado foram classificados como nominais. Vale ressaltar que os verbos de ligação exigem complementação à direita, sendo, em alguns casos, o preenchimento da posição à esquerda, como no caso das ‘orações sem sujeito’, que dependerá de características típicas desse tipo de oração.

Figura 1 - Complementação dos verbos de ligação

Fonte: Elaboração da autora

Mesmo concordando com a perspectiva da gramática tradicional, Bechara (2009) trata os verbos de ligação como verbos relacionais e faz a distinção entre eles e os verbos nocionais, também conhecidos como planos, mas não se aprofunda muito no assunto. Seguindo para outras características morfosintáticas, inerentes à classificação dos verbos, o autor afirma que tal distinção tem sido questionado por notáveis linguistas modernos.

[...] trabalhar e trabalho são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo porque se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas para ser verbo, e porque está pensado com significação verbal. (BECHARA, 2009, p. 209).

O autor ainda aponta que, mesmo sendo avaliados sob a perspectiva de sentido “vazio”, os verbos relacionais não são apenas elementos de ligação, sem valor algum, mas elementos que, sintaticamente, são importantes na oração. Segundo Bechara (2009), um estudo coerente dos verbos exige o estabelecimento de categorias verbais, que são tipos ou funções das formas lexicais mediante as quais se estabelecem oposições funcionais na língua. Nas palavras do autor: “No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a ‘pessoa’ do ‘número’ nem o ‘tempo’ do ‘modo’; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o ‘tempo’ e o ‘aspecto’.” (BECHARA, 2009, p. 427.)

Ainda segundo o gramático, as recentes edições de algumas gramáticas tradicionais apresentam estudos de linguistas, especialmente quando não há consenso quanto à classificação dos verbos em questão. O autor, baseado em estudos de linguistas, afirma que a distinção entre predicado verbal e predicado nominal (que seleciona os estativos) é válida apenas no campo da semântica. Porém, no campo sintático, o núcleo da oração é sempre o verbo, colocando o verbo

ser, por exemplo, no mesmo nível de importância que os demais verbos não copulativos, uma vez que flexiona em pessoa e número, em concordância com o sujeito da oração. Benveniste e Said Ali são os linguistas citados (BECHARA, 2009).

A alegação de que os verbos de ligação constituem predicados nominais por apresentarem um esvaziamento semântico que é preenchido por um signo linguístico na função de predicativo – um substantivo ou adjetivo – pode ser refutada pelo fato de que, na posição de predicativo, ocorrem outras classes de palavras que não são nomes (substantivos e adjetivos) como os advérbios, sustentado nos fatos da língua (BECHARA, 2001). Nesse sentido, o autor apresenta os seguintes exemplos:

(05) Os vizinhos estão **bem**.

(06) Os jovens são **assim**.

(07) A mesa parece de **madeira**.

Já Cunha e Cintra (1985, p. 129-132) defendem que os “verbos de ligação” “servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal”, portanto, não são transitivos. Os autores dividem os verbos em significativos e não significativos, considerando os “verbos de ligação” como não significativos, em oposição aos outros verbos considerados significativos.

Sobre a classificação entre predicado verbal e nominal, Bechara (2009) argumenta que não há necessidade de distinção e, com esse raciocínio, ele se alinha aos linguistas e aos gramáticos que também não fazem separação entre esses elementos. Segundo o referido gramático, a tradição gramatical retirou dos verbos de ligação a condição de verbo em sua totalidade pelo fato de estes, segundo concepção apresentada pela gramática tradicional, apenas ligarem elementos, ou seja, ligam o sujeito à sua qualidade ou característica classificada como predicativo do sujeito.

2.4 Para além da classificação verbal: propriedades semânticas sobre a sintaxe

Esses são os principais conceitos, nomenclaturas, características temporais e traços aspectuais aludidos nas gramáticas normativas mais conhecidas atualmente. E, a partir disso, é possível esboçar certo consenso entre as gramáticas analisadas no que diz respeito ao uso de *ser* como verbo auxiliar. Há, na grande maioria dos casos, a atribuição de permansividade para um e transitoriedade para o outro e os espaços relativamente exclusivos entre perífrases de particípio e gerúndio.

Sobre os itens lexicais de uma língua, é importante apontar que eles podem ser classificados de acordo com diferentes critérios, as classes de palavras da gramática tradicional são exemplos de categorização e organização lexical. Conforme Clerck, Coleman e Willems (2013), os verbos, de maneira especial, têm recebido muita atenção na literatura a esse respeito e são, também, internamente classificados de diferentes formas. Além disso, há ainda classificações feitas com base em outros critérios, como, por exemplo, a classificação aspectual de Vendler (1967), que leva em conta a maneira como a situação descrita pelo verbo se desenrola no decorrer do tempo.

Nessa classificação, os verbos podem ser estados (as situações não mudam ao longo do tempo: ter uma casa), atividades (as situações mudam ao longo do tempo, mas não atingem um ponto final específico: correr), *accomplishments* (as situações mudam ao longo do tempo e atingem um ponto final específico: construir uma casa) ou *achievements* (situações pontuais que ocorrem quase instantaneamente: estourar). Existe, ainda, outro tipo de classificação verbal que utiliza um critério chamado por De Clerck, Coleman e Willems (2013 *apud* CANÇADO, 2018, p. 124) de “propriedades léxicogramaticais”. Segundo os autores, esse tipo de classificação é “motivado pela descoberta de que verbos com significados semelhantes apresentam uma tendência a possuírem o mesmo comportamento sintático” (DE CLERCK; COLLEMAN; WILLEMS, 2013 *apud* CANÇADO, 2018, p. 125. Também nesse sentido, Cançado, Godoy e Amaral (2013, 2017) propõem que classes de verbos podem ser definidas a partir de propriedades semânticas que tenham impacto na sintaxe.

Esse tipo de classificação é baseado na hipótese da determinação semântica sobre a sintaxe (FILLMORE, 1970; PINKER, 1989; JACKENDOFF, 1990; LEVIN, 1993; PESETSKY, 1995; GRIMSHAW, 2005; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013, 2017; CANÇADO; AMARAL, 2016), assumida por muitos semanticistas lexicais e que diz que partes do significado de um verbo são relevantes para a realização sintática de seus argumentos.

Entretanto, a hipótese da determinação semântica sobre a sintaxe não se aplica de uma forma indiscriminada a qualquer propriedade semântica, ou seja, não são todas as propriedades semântico-lexicais dos verbos que possuem impacto na sintaxe. Sendo assim, não é qualquer agrupamento semântico de verbos que constitui uma classe verbal. Nessa perspectiva, Levin e Rappaport Hovav (1992), por exemplo, mostram que os verbos que acarretam movimento para um de seus argumentos não se comportam sintaticamente da mesma maneira. Verbos como “correr”, “balançar” e “jogar” podem ser igualmente considerados verbos de movimento, pois todos acarretam que um de seus argumentos se move de alguma forma:

- (08) A moça **correu**.
 (09) A garçonete **balançou** a bebida.
 (10) O jogador **arremessou** a bola para o gol.

Porém, o verbo “correr” é intransitivo, já o verbo “balançar” é transitivo e o verbo “arremessar” é bitransitivo. O simples fato de os verbos não apresentarem a mesma transitividade já é uma boa evidência de que a propriedade semântica ‘movimento’ não tem impacto na sintaxe e, portanto, não será válida para a classificação verbal baseada no critério de propriedades léxico-gramaticais. É trabalho do semanticista lexical, portanto, encontrar quais propriedades semânticas determinam o comportamento sintático dos verbos e, a partir delas, determinar a classificação desses itens da língua.

A partir do trabalho de Levin (2010), considerando a perspectiva de classificação verbal por propriedades léxico-gramaticais, Cançado e Gonçalves (2016) propõem que a classificação pode variar de acordo com o nível de análise (*grain size*) adotado, com a chamada “granularidade” da análise (DE CLERCK; COLLEMAN; WILLEMS, 2013). Para as autoras, são três os níveis de classificação: *coarse-grained*, que corresponde a um nível mais amplo; *medium grained*, que corresponde ao nível intermediário; e *fine-grained*, que diz respeito a um agrupamento feito a partir de propriedades mais finas/restritas dos verbos.

O que comumente se denomina de “classe verbal” na literatura em Semântica Lexical refere-se à classificação intermediária, *medium-grained*. Um exemplo de classe no nível *medium-grained* (classe verbal canônica), segundo Cançado e Gonçalves (2016), é a dos verbos de mudança de estado do PB, já apresentada anteriormente. Essa classe é composta por verbos que compartilham propriedades semânticas e que estão associados a uma série de propriedades sintáticas em comum.

Assume-se que os verbos de uma classe *medium-grained* apresentam a mesma estrutura argumental. Aqui, a estrutura argumental é entendida como a representação das propriedades semântico-lexicais dos verbos que são importantes para a organização sintática.

Seguindo a proposta de Cançado e Gonçalves (2016), como grupos de verbos que compartilham toda a sua estrutura argumental, essas classes são as centrais na língua, pois esses agrupamentos de verbos são os que compartilham o maior número de propriedades sintáticas. Retomando o exemplo dado para esse tipo de classe, os verbos de mudança de estado, além de compartilharem a propriedade de possibilitar a alternância causativo-incoativa, também: (I) licenciam a inserção do argumento causa em adjunção na forma intransitiva, (II) licenciam a

inserção de um instrumento e (III) licenciam passiva com um agente (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013, 2017).

A partir da visão das gramáticas tradicionais de Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2001), Cegalla (2010) e Rocha Lima (2005) classificam os “verbos de ligação” com uma abordagem morfossintática. Os autores tratam das flexões e conjugações, mas também tratam do papel sintático do verbo *ser* como verbo de ligação ou auxiliar, sem, porém, preocuparem-se com a semântica desses verbos.

2.5 Abordagens da gramática funcional

A gramática funcional vai além dos limites da sentença e estabelece correlações entre fatos gramaticais e dados dos falantes de uma determinada comunidade. Desse modo, uma gramática funcional tem a preocupação de estudar a sintaxe no discurso. De acordo com Castilho (2014, p. 39),

A sintaxe funcional contextualiza a língua na situação interacional a que as estruturas se correlacionam, prestando mais atenção ao modo como ela se gramaticaliza, ou seja, o modo como ela representa as categorias sociais e cognitivas em sua estrutura gramatical.

Ainda nesse sentido, Prideaux (1987 *apud* NEVES, 2011, p. 16) afirma: “A linguagem não é um fenômeno isolado, mas pelo contrário serve a uma variedade de propósitos”. Nesse contexto, para a gramática funcional, a competência comunicativa é objeto de análise e estudo. Conforme define Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 09),

Primeiro é tido como atividade social arraigada no uso corrente e altamente influenciado por pressões advindas de situações interacionais diversas. O segundo é definido como uma estrutura dinâmica e flexível, emergente das situações cotidianas de interação

A teoria funcionalista concebe a gramática como resultado da estruturação de fatores cognitivos e comunicativos da língua. Para Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 21), “A gramática de uma língua é constituída tanto de padrões regulares no nível dos sons, das palavras e de unidades maiores, como os sintagmas e as orações, quanto de formas emergentes, e decorrência da atuação desses fatores”. Diferente da corrente gerativa, a linguística funcional

utiliza dados reais em suas análises, ou seja, processos reais de comunicação. Conforme Givón (1995), as formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmos.

A Linguística Funcional Centrada no Uso, uma nova tendência, de acordo com Tomasello (1998, *apud* FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), é uma tendência de estudos linguísticos que também pode ser denominada como Linguística Cognitivo-Funcional. Essa corrente é fruto da união das tradições desenvolvidas pelos estudiosos da Linguística Funcional (Givón, Hopper, Thompson, Chafe, Bybee, Traugott, Lehmann, Heine e outros) com as tradições desenvolvidas por estudiosos da Linguística Cognitiva (Lakoff, Langacker, Fauconnier, Goldberg, Taylor, Croft e outros).

Nessa concepção, as construções linguísticas, tal como outras habilidades não linguísticas, são concebidas como esquemas cognitivos. O falante vai adquirindo esse conhecimento à medida que aprende a usar sua própria língua. A gramática é tida como uma representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, uma vez que aquela é afetada pelo uso linguístico.

As categorias linguísticas são baseadas na experiência que temos das construções em que elas ocorrem, da mesma forma que as categorias por meio das quais classificamos objetos da natureza e da cultura são baseadas na nossa experiência com o mundo. Acredita-se, assim, que todos os processos de construções gramaticais são moldados pelo uso da língua. Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 14) apresentam alguns pressupostos teórico-metodológicos em comum entre a Linguística Funcional e a Cognitiva:

- Uso de enunciados reais nas análises linguísticas.
- Relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso dos falantes
- Rejeição à autonomia da sintaxe;
- Incorporação da semântica e da pragmática nas análises;
- Não distinção estrita entre léxico e gramática;
- Fazem delas em contextos reais de comunicação.

De forma ampla, a Linguística Funcional Centrada no Uso investiga construções que emergem e como relacionam à emergência a regularização de padrões construcionais no nível da proposição, levando em conta fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos, e busca identificar nesses padrões motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas.

Segundo Martelota (2011), na interação, os usuários manipulam os termos e expressões disponíveis em sua língua com o intuito de veicular estratégias comunicativas que marquem sua posição subjetiva em relação ao conteúdo que querem transmitir ou sua preocupação com a recepção desse conteúdo por seus interlocutores, considerando-se as condições contextuais

em que se dá a comunicação. Por essa razão, pode-se afirmar que a linguagem tem natureza adaptativa. Nessa perspectiva, Martelotta (2011, p. 62) afirma:

Cada evento de uso tem um aspecto individual e único, sugerindo que não podemos decidir sobre como utilizar as estruturas que o sistema nos fornece sem adaptá-las a esse contexto singular assim concebemos as regras como não absolutas, mas como contextualmente dependentes refletindo atuação de um organismo biológico em um ambiente cultural.

Para melhor entendimento acerca da gramática funcional e o destrinchar das ideias apresentadas por ela, faz-se necessário analisar profundamente aspectos relevantes desse estudo no capítulo a seguir.

3 ABORDAGEM DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL

O legado deixado pela linguística histórico-comparativa é de suma importância para os estudos posteriores e atuais. A linguística do século XIX, por meio dos neogramáticos e de linguistas como Humboldt, contribuiu com as análises para o estudo da língua. Contudo, a relação da linguística moderna, em alguns casos, é apontada com o surgimento do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, em 1916.

Em outra vertente do pensamento científico, o desenvolvimento dos primeiros estudos na perspectiva da Linguística Funcional foi iniciado em 1930, pelo Círculo Linguístico de Praga. De acordo com Nichols (1984), a escola de Praga praticou uma variante que ela chama função/relação, na medida em que focalizou a relação do elemento com o sistema linguístico como um todo. Nesse viés, a função categorial que até o momento era estudada recebe outra nomenclatura: a noção de função como relação, assim o *status* de função/relação se opõe ao *status* categorial, caracterizar a função como portador de propriedades e compreender a noção teleológica de função, para eles a língua deve ser entendida com um sistema funcional, na concepção de que ela é utilizada para um determinado fim. Sobre o Círculo Linguístico de Praga, Fontaine (1978, p. 22) afirma que a “intenção do locutor apresenta-se como a explicação ‘mais natural’ em análise linguística: essa intenção do locutor é que fundamenta o discurso, pois via a função como elemento imprescindível na linguagem”. Neste sentido, é analisada a intenção do locutor, elemento fundamental para o discurso. Conforme Neves, Braga e Paiva (1997, p. 06),

Desse modo, o funcionalismo liga-se historicamente às propostas da Escola Linguística de Praga, que ‘concebiam’ a linguagem articulada como um sistema de comunicação, preocupava-se com os seus usos e funções, rejeitavam as barreiras intransponíveis entre diacronia e sincronia e preconizavam uma relação dialética entre sistema e uso.

A escola de Praga concebe a língua enquanto sistema de meios pertencentes a um fim, isto é, para além do fonológico, morfológico e sintático. Segundo Macedo (1998, p. 73),

Os linguistas de Praga consideraram as funções da linguagem – expressiva, conativa, e referencial, bem como elaboraram a noção de função no contexto: As noções de tema e rema foram propostas nesses primeiros estudos, que enfatizaram a necessidade de explicarem-se as formas no contexto.

A linguagem como instrumento social na transmissão de informações pelos interlocutores reais é o eixo motivador desse trabalho de cunho funcionalista. Por isso, analisaremos o verbo *ser* na sua forma conjugada *é* em narrativas de relato de experiência

peçoal, considerando sua função em uso e o papel desempenhado na comunicação, ou seja, dentro de um contexto, visto que os “funcionalistas estudam a língua no seu contexto social de uso” (NARO; VOTRE, 2012, p. 43). Dessa forma, o real interesse do funcionalismo ocorre na interação social, pois o funcionalismo procura explicar as regularidades observadas no uso da língua e analisar as condições discursivas para tal. Assim, para essa abordagem, a estrutura da língua é motivada pela situação comunicativa, e, nesse viés, a estrutura é variável, visto que há necessidade de contextos e prática do uso linguístico. O uso molda a estrutura e, para isso, é essencial aos funcionalistas da atualidade investigar a sintaxe, a semântica e a pragmática. Nessa direção, Furtado da Cunha (2013) considera a gramática

[...] como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfosintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes [...] as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada [...] a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 164).

Corroborando a teoria da linguística funcional, Martelotta (2015 p. 49) afirma:

As línguas são sensíveis às nuances culturais associadas ao estilo de vida dos humanos, apresentando, de um lado, variações de natureza individual, social, regional, sexual, entre outras, que convivem em um mesmo momento de tempo, e, de outro lado, mudanças, que se manifestam com o passar do tempo.

Ainda nessa direção, pontuam Cunha, Costa e Cezario (2003 p.29):

O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua.

Seguindo o mesmo entendimento, Martinet (1994 *apud* NEVES, 1997, p. 5) afirma que “o objeto da gramática funcional é a competência comunicativa”. Assim, perceber a relação entre discurso e gramática, a liberdade de organizar as sentenças, relacionar os fins a que servem as unidades, tudo isso é analisado na linguística funcional. Em síntese, a visão funcionalista caracteriza essa concepção.

Quadro 3 - Concepções de linguagem para o Funcionalismo

A linguagem é uma atividade sociocultural	
CONCEPÇÃO	DESCRIÇÃO
A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;	Forças cognitivas e comunicativas atuam no indivíduo no momento concreto da comunicação e que se manifestam de modo universal, pois refletem os poderes e as limitações da mente humana para armazenar e transmitir informações.
A estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;	Não ordenamos as cláusulas arbitrariamente, mas de acordo com a ordem que elas ocorreram na realidade. A esse tipo de motivação os funcionalistas chamam de iconicidade.
Mudança e variação estão sempre presentes;	O funcionalismo tende a adotar uma concepção pancrônica de mudança.
O sentido é contextualmente dependente e não atômico;	Sentido é ativado no contexto.
As categorias não são discretas;	Fronteiras não são demarcadas
A estrutura é maleável e não rígida;	A estrutura gramatical é variável e dependente, pois os usos ao longo do tempo é que dão forma ao sistema.
As gramáticas são emergentes;	Mudanças consolidadas na escrita.
As regras de gramática permitem algumas exceções.	Contextos de uso.

Fonte: Baseado em Givón (1995, *apud* MARTELOTTA; KENEDY, 2015 p.22).

O funcionalismo aborda os seguintes temas: iconicidade, marcação, transitividade, planos discursivos, informatividade, ciclo funcional, unidirecionalidade, gramaticalização e discursivização, entre outros. No entanto, neste estudo, os processos de gramaticalização, ciclo funcional e discursivização constituem pontos privilegiados de investigação.

3.1 Pressupostos funcionais

3.1.1 Iconicidade

A iconicidade na linguística se apresenta na definição entre forma e função, consideração de uma motivação icônica para a forma linguística, os estudos funcionais defendem a teoria de que a estrutura da língua reflete a estrutura da experiência. No início do século XX, essa afirmação foi refutada por Saussure, que reafirmou o caráter arbitrário da língua. O filósofo Pierce divergiu da ideia da arbitrariedade total defendida nos estudos saussurianos, pois, para ele, a sintaxe das línguas naturais não é totalmente arbitrária e sim, isomórfica. Entretanto, ainda conforme o referido filósofo, o isomorfismo sintático não é absoluto, é moderado. Pierce, por sua vez, classificou a iconicidade em dois tipos: a imagética, que se refere à estreita relação entre um item e seu referente, e a diagramática, que se relaciona a um arranjo icônico dos signos, aqui não há necessidade de intersemelhança. Bolinger (1977), a partir da sua visão radical sobre o isomorfismo linguístico, postula que a condição natural da língua é preservar uma forma para um sentido e vice-versa. Sobre isso, Givón (1984) afirma:

Em sua versão mais branda, o princípio da economicidade manifesta-se em três subprincípios, que se relacionam a quantidade de informação, ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e a ordenação linear dos segmentos. (GIVÓN, 1984 *apud* MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 23).

3.1.2 Marcação

O princípio da marcação estabelece três critérios para separar as categorias marcadas e não marcadas em um contraste gramatical binário. Tal princípio apresenta as seguintes categorias:

Quadro 4 - Categorias apresentadas pelo princípio da marcação

PRINCÍPIO DA MARCAÇÃO	
Complexidade estrutural	A estrutura marcada tende a ser mais complexa ou maior que a estrutura não marcada correspondente.
Distribuição de frequência	A estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não marcada correspondente. A estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não marcada correspondente. Incluem-se aqui fatores como esforço mental demanda de atenção e tempo de processamento.
Complexidade cognitiva	Nas línguas existe uma tendência para que esses três critérios de marcação conhecida a correlação entre marcação estrutural e marcação cognitiva é admitida a baixa frequência de ocorrência é o reflexo mais geral da iconicidade da gramática dado que representa o isomorfismo entre correlatos substantivos e correlatos formais da marcação.

Fonte: Baseado em Givón (1990 *apud* CUNHA; COSTA, CEZÁRIO, 2015 p.26).

Vale destacar que a marcação, em alguns casos, é relativa, pois uma construção pode ser marcada em um contexto e em outro não. Nesse sentido, Givón (1995) admite que uma mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não marcado em outro, e acrescenta ainda que a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicado com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos.

Nessa lógica, Furtado da Cunha (2015, p. 171) aponta:

Essa é a importância do conceito de marcação no que diz respeito ao uso da língua uma forma linguística mais corriqueira, que apresenta alta frequência de uso, tende a ser conceptualizada de modo mais automatizado pelo uso da língua e isso significa que essa forma tem pouca expressividade. Assim, quando querem ser expressivos os falantes usam formas marcadas.

Vale ressaltar que a expressividade traz a frequência das formas mais marcadas em um contexto de uso, geralmente isso ocorre quando relacionamos a oralidade *versus* a escrita.

3.1.3 Transitividade

A gramática tradicional aponta a transitividade como propriedade verbal e os classificam em: intransitivos, quando não solicitam complemento, transitivos diretos, quando o complemento não solicita, geralmente na maioria dos casos, preposição, transitivos indiretos, marcados pela presença das preposições, transitivos diretos e indiretos, os chamados bitransitivos e os verbos de ligação, verbo de estudo neste trabalho. Segundo Hopper e Thompson (1980 *apud* FURTADO CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 29).

A transitividade é concebida como uma noção contínua, escalar. Trata-se de um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos e independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação de uma porção diferente da sentença.

O estudo da transitividade na gramática tradicional não contempla o plano discursivo em sua totalidade, apenas o categorial. Assim, para que haja contemplação de aspectos discursivos, além das categorias estabelecidas na gramática tradicional, é necessário o estudo da transitividade oracional. Neste sentido, Costa e Cezario (2003) analisaram o nível de transitividade das sentenças em estudo. Os critérios foram distribuídos conforme o quadro abaixo:

Quadro 5 - Critérios de transitividade oracional

CRITÉRIOS	CLASSIFICAÇÃO	TRANSITIVIDADE ALTA	TRANSITIVIDADE BAIXA
1. Participantes	Refere-se à transferência da ação. A transferência é possível quando há mais de um participante.	Dois ou mais	Um
2. Cinese	Refere-se ao verbo expressar ou não uma ação. Verbos com noção de estado são nulos de ação.	Ação	Não ação
3. Aspecto do verbo	Refere-se à visão de uma ação do ponto de vista final, perfectivo, esta é mais fácil de ser transferida para um outro participante do que uma ação sem término. Refere-se, assim, ao fato de completude da ação transferida que pode ser perfectiva (acabada) ou imperfectiva (não-acabada, em andamento).	Perfectivo	Não perfectivo
4. Punctualidade do verbo	Refere-se à duração de uma ação. É mais claro o efeito sobre os participantes em ações realizadas sem nenhuma fase de transmissão óbvia entre o início e o fim. O grau de pontualidade será maior quanto menor for a distância entre a ação	Punctual	Não punctual

	e o seu efeito e, o grau será menor, quanto maior for a distância entre a ação e o seu efeito.		
5. Intencionalidade do Sujeito	Refere-se à intenção do sujeito.	Intencional	Não intencional
6. Polaridade da oração	Refere-se à oposição existente entre sentenças afirmativas e negativas. O que não ocorreu não pode ser uma ação transferida para os participantes.	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Refere-se aos planos real, evento mais efetivo, e irreal, evento menos efetivo.	Modo realis	Modo irrealis
8. Agentividade do sujeito	Refere-se ao potencial de agir de um participante (sujeito) na transferência de uma ação para o outro participante (objeto).	Agentivo	Não agentivo
9. Afetamento do objeto	Refere-se ao grau de afetamento do paciente e está relacionado à individuação do objeto.	Afetado	Não afetado
10. Individuação do objeto	Refere-se ao fato de uma ação poder ser transferida mais efetivamente para um paciente individuado do que para um não-individuado, relacionando-se ao traço afetamento do objeto.	Individuado	Não individuado

Fonte: Adaptado de Costa e Cezario (2003, p. 37).

Dessa forma, após análise do quadro, é possível perceber a importância do discurso e o modo como se organiza o texto. A transitividade oracional está relacionada a uma função pragmática. É importante, com isso, reafirmar o objeto de estudo deste *corpus*, o verbo na sua forma conjugada *é ser* dentro das narrativas de experiência pessoal. Sobre a incorporação da pragmática na gramática, Neves (2019, p. 25) declara: “Incorporar a pragmática na gramática equivale a admitir determinações discursivas na sintaxe”.

3.1.4 Planos discursivos

De acordo com Naro e Votre (2012, p. 44), “funcionalistas estudam o uso da língua no discurso”. Nesse sentido, estudar o verbo *ser* no aspecto discursivo é importante para que possamos compreendê-lo dentro de um contexto de narração e fora da previsão categórica da gramática tradicional. Assim, para Hopper e Thompson (1980), o grau de transitividade de uma oração ou o lugar que ela ocupa reflete sua função discursiva e o classificam como: figura referente a pontos centrais do discurso, já o fundo corresponde a descrições das ações e eventos simultâneos à cadeia da figura.

2.1.5 Informatividade

A informatividade diz respeito ao que os interlocutores compartilham, ou acreditam que compartilham na interação. Para critérios de classificação, a parte que traz informações novas é denominada “rema” e a que traz informações velhas é denominada “tema”. Analisemos o exemplo a seguir:

- (14) O que cozinhou, desta vez, a mãe?
Desta vez, a mãe cozinhou um cuscuz.
(15) O que fez, desta vez, a mãe?
Desta vez, a mãe cozinhou um cuscuz.
(16) Quem preparou o cuscuz?
A mãe preparou o cuscuz

No exemplo (14), o tema é a mãe cozinhou e o rema é um cuscuz. No exemplo (15), o tema é o sujeito e o rema é todo o predicado. No exemplo (16), o tema é o predicado e o rema é o sujeito. Na oralidade, a ênfase é mais utilizada para delimitar informações importantes da sentença. A questão da informatividade é apresentada na linguística funcional a partir da classificação semântica e ela representa as escolhas do falante em um dado contexto determinado por fatores de ordem semântico-pragmática.

2.1.6 Gramaticalização e discursivização

Nos estudos da linguística funcional, a gramaticalização e a discursivização são fenômenos associados aos processos de regulamentação do uso da língua, relacionando-se com a variação e a mudança linguística. Esses processos demonstram a constante mudança e o aspecto não estático da língua. Nas palavras de Hopper (1987 apud FURTADO DA CUNHA, 2015, p. 42),

A noção de ‘gramática emergente’ no sentido de que a gramática de uma língua natural nunca está completa. Do ponto de vista sincrônico, entende-se por gramática o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso.

O termo discurso abrange os processos criativos do falante ao utilizar a língua, bem como suas estratégias criativas na hora de organizar funcionalmente seu texto. Conforme Furtado da Cunha (2015, p. 42),

Por outro lado, o discurso é tomado como o ponto de partida para a gramática; por outro lado, é também seu ponto de chegada. Quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática. No mesmo sentido, quando determinado fenômeno presente na gramática passa a ter comportamentos não previsíveis em termos de regras seletivas, podemos dizer que ele sai da gramática e retoma ao discurso.

Seguindo esse raciocínio, este estudo sobre o verbo “ser” aborda esse elemento dentro das narrativas de relatos de experiência pessoal, buscando investigar o verbo em questão e compreender se ele se relaciona na atualidade de uso para um processo de gramaticalização e como ocorre esse processo. Dessa forma, a perspectiva funcional analisa a regularização do uso na língua que ocorre por meio das expressões criativas advindas dos falantes e de rearranjos vocabulares para atender propósitos comunicativos tornando-se regular, normal, ou seja, se gramaticaliza.

2.1.7 Ciclo funcional e unidirecionalidade

A criação de novas estruturas gramaticais é motivada pela criatividade do falante ou por uma necessidade comunicativa para designações linguísticas. Em algumas situações, o falante não encontra nas escolhas lexicais as palavras que se adequam à necessidade, em outros casos, a criatividade é levada para o discurso. Esse caráter da evolução linguística é postulado por Givón (1979, *apud* FURTADO DA CUNHA, 2015, p. 45):

O caráter cíclico da evolução linguística formula o seguinte esquema processual para representar os processos diacrônicos de regularização do uso da língua, desde o ponto mais imprevisível até a fase terminal: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero.

Na trajetória unidirecional de gramaticalização, é possível perceber que alguns elementos saem do discurso e passam à utilização frequente no uso desempenhando uma função gramatical, mesmo que ainda não totalmente fixada. Dessa forma, por meio da repetição, seu uso torna-se mais previsto e regular, esse caminho resulta numa nova construção sintática com características morfológicas especiais, com pretensão de desenvolver-se para uma forma ainda mais dependente. Para Martelotta (2011, p. 62),

[...] cada evento de uso tem um aspecto individual e único, sugerindo que não podemos decidir sobre como devemos utilizar as estruturas que o sistema nos fornece sem adaptá-las a esse contexto singular. Assim, concebemos as regras como não absolutas, mas como contextualmente dependentes, refletindo a atuação de um organismo biológico em um ambiente cultural.

Alguns teóricos funcionalistas apontam que a trajetória do processo de gramaticalização ocorre no caminho do concreto para o abstrato. Segundo Furtado da Cunha (2015, p. 45), “Entidades abstratas emergem da experiência humana com o mundo concreto”. Traugott e Heine (1991 *apud* FURTADO DA CUNHA, 2015) apresentam a escala para representar o processo de abstratização gradativa no percurso de gramaticalização dos elementos linguísticos:

espaço > (tempo) > texto.

O percurso demonstrado na escala apresenta os dois desdobramentos possíveis: a emergência de categorias gramaticais oriundas de itens lexicais de sentido concreto e a abstração progressiva de significado de um dado elemento linguístico sem que haja, necessariamente, a mudança de categoria gramatical.

2.1.8 Prototipicidade

Segundo Taylor (1989), as entidades são caracterizadas a partir de seus atributos. Esses atributos, por sua vez, dificilmente serão compartilhados por todos os membros. Assim, é considerado como protótipo aquele que apresenta mais propriedades de uma determinada categoria segundo o grau de semelhança. O processo de categorização é fundamental para que seja possível conhecer, estudar e nomear entidades em nosso mundo. Nas palavras de Lakoff (1987, p. 287), “sem a habilidade de categorizar, simplesmente não poderíamos funcionar, seja no mundo físico ou nas nossas atividades sociais e intelectuais”. Trata-se, pois, não apenas de algo inerente à linguagem, mas ao próprio ser humano. Sobre prototipicidade, Furtado da Cunha e Tavares (2016) destacam que:

O representante prototípico de uma categoria reúne os traços recorrentes de que se compõe essa categoria. Dessa maneira, a classificação é feita através do elemento que exemplifica o protótipo, enquanto os outros pares são classificados considerando as características mais próximas e as mais distantes em relação ao exemplar prototípico. (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016, p. 27-28).

Dessa forma, é importante pontuar que o elemento prototípico de uma categoria é visto como um exemplar para as demais classificações e a partir dele os outros recebem a classificação como pertencente à categoria ou não pertencente. Por exemplo, na gramática tradicional, para Rocha Lima (2005, p. 130), “O verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. [...] Estes acidentes gramaticais fazem com

que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz”. De acordo com a prototipicidade, os elementos que se enquadram dentro das categorias definidas são classificados como verbos. Nos estudos funcionalistas, Gívon *apud* Rodrigues (1999) afirma que o centro de uma categoria é mais sólido, em oposição à margem, que é mais flexível. Sendo assim, estruturas [+ prototípicas] seriam o centro da categoria, pois representam estruturas mais cristalizadas, que são cognitiva e linguisticamente mais salientes. Já as [- prototípicas] estão à margem da categoria e, devido a sua flexibilidade, não há como descrevê-las completamente, pois um novo membro pode, a qualquer momento, ser incluído. É na margem de uma categoria que as superposições de estruturas e de sentido são permitidas. Nas palavras de Rosh (1973), a prototipicidade é possivelmente uma consequência de propriedades inerentes da percepção humana, o que caracteriza algo essencial e constituído dentro das experiências discursivas.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, explanaremos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa para demonstrar a aplicação do verbo *ser* em sua forma conjugada *é* nas narrativas de experiência pessoal, bem como analisar o processo de gramaticalização. Delimitamos, neste capítulo, os procedimentos metodológicos empregados neste trabalho, nossa investigação é de natureza qualitativa com suporte quantitativo. Para tanto, fizemos um percurso passando pela fundamentação teórica do funcionalismo e uma explanação sobre alguns temas dessa teoria que foram utilizados mais de perto em nossas análises, como “prototipicidade”, “gramaticalização”, “ciclo funcional” e “unidirecionalidade”. Os resultados apresentados neste item foram obtidos a partir de trechos de narrativas de experiência pessoal extraídos do *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998), objetivando analisar as recorrências do verbo de ligação *ser/é* sob a abordagem da linguística funcional.

A linguística funcional centrada no uso investiga as mudanças linguísticas a partir de suas situações de uso, nessa ótica, a gramática é influenciada pelo uso que os falantes fazem da linguagem. Ainda conforme Furtado da Cunha (2012, p. 30), assume-se que “a categorização conceptual e a categorização linguística são análogas, ou seja, o conhecimento de mundo e o conhecimento linguístico seguem, essencialmente, os mesmos padrões”. Dessa forma, é perceptível que o falante tem influência direta sobre as novas construções gramaticais.

Precipuamente, para realização deste estudo, partimos do pressuposto de categorizar o verbo *ser*, classificado na gramática tradicional como verbo de ligação, desse ponto iniciou-se a análise de situações em que esse verbo não funciona apenas como um elemento integrador. Para tanto, no objetivo geral buscamos apresentar a função mais recorrente no uso do *é* nas narrativas de experiência pessoal; e como objetivos específicos, analisar as ocorrências/uso do verbo *ser/é* como marcador discursivo que exerce a função de item funcional. Objetivamos também explicar os usos regulares do *é* pelos informantes nas narrativas, identificar o *status* pragmático e o papel semântico do verbo *ser/é*, a partir da noção de protótipo. Segundo Lakatos e Marconi (2007),

[...] a pesquisa pode ser considerada ‘um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais’. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade, mas descobrir respostas para perguntas ou soluções para os problemas levantados através do emprego de métodos científicos. (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 157).

Destacamos, ainda, que sob o ponto de vista da abordagem do problema, a pesquisa se classifica como quali-quantitativa, pois é quantificável, e traz para análise informações com uso de recursos e técnicas para tal abordagem. Dito isto, ressaltamos também a presença da abordagem quantitativa, que se justifica pela utilização dos dados extraídos do *Corpus Discurso & Gramática* que foram estudados em um ambiente sem qualquer manipulação do pesquisador. Em relação à apresentação dos dados obtidos, eles se apresentam de forma descritiva e retratam a problemática estudada. Nesse sentido, Freitas (2013) afirma:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. (FREITAS, 2013, p. 70)

Do ponto de vista da sua natureza, de acordo com Freitas (2013), esta pesquisa se classifica como aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para aplicação da prática dirigida à solução de problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais. Em relação aos seus objetivos, é uma pesquisa descritiva, que registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa descrever as características e a utilização do verbo em uma “nova” ocorrência, bem como o estabelecimento de relações entre variáveis.

Para primeira análise, estabelecemos nosso problema: o deslocamento de função do verbo estudado presente na oralidade, especificamente nos relatos de experiência pessoal. Para a segunda análise, selecionamos o local para pesquisar o problema mencionado, o *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*, do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, que foi fundado no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1991.

O grupo obteve apoio científico do CNPq para a produção intitulada ‘Iconicidade na fala e na escrita’, que durou dois anos. Nesse período, os pesquisadores do grupo organizaram amostras de língua falada e escrita com informantes em cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro V, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói um dos objetivos para criação desse *corpus* foi analisar, por meio de diferentes fenômenos linguísticos, situações reais de uso da língua, fato essencial para escolha desse *corpus* no projeto.

O *corpus* é composto por depoimentos de 20 informantes do sexo masculino e feminino que produziram oralmente narrativas de experiência pessoal. Com o intuito de avaliar o fenômeno investigado, no caso, o item *é*. Do *corpus* analisado foram selecionados alunos que

estivessem cursando diferentes séries da escola regular, cobrindo desde o momento da alfabetização até o término do terceiro ano, entretanto, aqui utilizamos esse critério apenas para facilitar a divisão entre os informantes na análise dos dados. A coleta dos elementos estudados serviu como suporte para elaboração do plano geral da pesquisa.

Para objetivar a separação entre os informantes das narrativas de experiência pessoal, fizemos a distinção com siglas e números para cada informante: Ensino Superior com (ES) maiúsculo, O Ensino Médio (EM), Fundamental Anos Finais (FAF) e Fundamental Anos Iniciais (FAI), seguimos um critério ordinal numérico entre os informantes para facilitar a análise dos dados, conforme exemplo: Informante 4M (18); nos trechos das narrativas produzidas pelos informantes, seguimos uma ordem alfabética a cada trecho produzido, a exemplo: “Informante 4S (I4):(14a) Marcos ... a viagem ao Rio Grande do Sul ... foi da seguinte forma ... ((riso)) *é*:: primeiro eu tava sem dinheiro e nessa época eu não trabalhava ...[...].” Todas essas distinções visam objetivar a análise e compreensão dos elementos estudados.

Na análise do item estudado, levamos em consideração apenas o item *é*, a contração *né* para este estudo não foi considerada. Contamos a ocorrência do item *é* funcionando como marcador discursivo ou verbo de ligação nas narrativas orais.

Após a coleta, iniciamos a análise e interpretação dos dados sob a luz da teoria funcionalista, com objetivo de investigar a problemática mencionada, procurando compreender como se dá e se ocorre, de fato, mudança no item lexical analisado. Mediante a análise dos dados, observamos a predominância do verbo *ser* em sua forma conjugada *é*, com constância principalmente no início das narrativas, operando na função de marcador discursivo. Por fim, faremos uma seleção quantitativa do verbo *ser* e sua classificação na abordagem da linguística funcional, analisando um possível deslocamento da gramática para o discurso.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Segundo estudos feitos por Travaglia (2004), os verbos são itens lexicais que constantemente se gramaticalizam e esse processo ocorre por uma sequência de cadeias que indicam o estágio em que esses verbos se encontram. Segundo o autor, se os verbos são mais lexicais, são considerados verbos plenos, se são mais gramaticais, são verbos mais funcionais, auxiliares ou semiauxiliares. Consideremos, apenas, quatro estágios, chamados por Travaglia como *status*, para explicar a(s) função(ões) que o item *é* está tomando nos discursos dos informantes. Segundo Travaglia (2004), os verbos de ligação são verbos simples, que relacionam e correlacionam um atributo, uma característica, um estado a um ser ou a uma coisa. Assim, para o autor mencionado, os verbos *ser* e *estar*, por possuírem uma frequência maior em seu uso em comparação aos demais verbos, podem assumir uma nova categoria gramatical. Dessa forma, propomos neste estudo aplicar os conceitos de categorização e recategorização no processo de gramaticalização proposto por Travaglia.

Dessa forma, como já mencionado, nossa análise se deu pelo *corpus* D&G, no qual consideramos, apenas, as narrativas de experiência pessoal. Salientamos que as narrativas são transcrições da língua oral de quatro informantes do Ensino Superior com idades entre 21 e 31 anos.

Nos trechos citados, podemos perceber que o item *é*, na maioria dos trechos analisados, não está funcionando como conector, ou seja, não está ligando sentido de um termo a outro, tampouco, exprimindo alguma ação/situação. Afinal, o *é* está assumindo que função? Para responder a esta pergunta, aplicaremos os critérios propostos por Travaglia (2004) sobre os estágios dos verbos enquanto itens lexicais que passam por um processo de gramaticalização.

A seguir, alguns fragmentos das narrativas transcritas de informantes do Ensino Superior, nos quais foram identificados os usos do *é*:

Informante 1ES (I1):

(11a) *é*:: assim *é* ... eu vou contar um ... um ... um acidente que aconteceu comigo em setenta e três né ... uma coisa que marcou muito ... na minha vida ... *é* eu tinha seis anos ... aí nós saímos da ... nós morávamos em Nova Descoberta [...]

(11b) [...] *é*:: à tardezinha aí ... a gente ia num ... num jipe né ... num jipe até velho sem capota sem nada ... de praia ... aí chegou em frente à Soriedem na BR ... aí um ... um ... um ônibus da ... da empresa Nordeste né ... nós vinha de lado

esquerdo da ... da pista geralmente carros ... pra::
 é:: cortar outro ... corta pela esquerda né?

O *é* funcionando como *marcador*: neste caso, quando se diz em 1(a) *é* :: assim *é* ... eu vou contar um ...”, o ‘*é*’ deveria marcar uma categoria além da sua, com o uso amplo voltado para interação para reorganização da fala, com base no exposto podemos observar um processo de gramaticalização do item *é* em que ele passa a funcionar como marcador discursivo.

(11c) o tempo todo aí *é* ... aí/ cobriu lá o corpo né ... e levou lá pra o ... o:: fazer a necrópsia lá né ... aí ele foi pra casa né ... e ficou pensando só nisso né ... como *é* que aquele menino havia morrido ... aí foi pra casa né ... aí quando foi à noite ... nessa ne/ nessa noite ...[...]

O *é* funcionando como *marcador*: neste caso, quando se diz: (c) “o tempo todo aí *é* ...” o *é* preenche pausas e momentos de hesitação e apresentam características típicas da fala. Na análise apresentada podemos observar a presença de outros marcadores como o *aí* e *né*.

(12d) “*é* exatamente ... mas num tinha nada sangrando não nele né ... num tinha nada machucado nele ... aí a menina chamou pelo nome dele e ele pulou no colo da menina lá né ... e ele começou a analisar como *é* que a menina ... o gato tivesse vivo né ... se esse gato num tan/ num tava vivo ... E: *é* ...[...]

O *é* funcionando como *item funcional*: (d) “aí a menina chamou pelo nome dele e ele pulou no colo da menina lá né ...[...]”, assim, pode-se dizer que o ‘*é*’ esteja desempenhando um novo papel gramatical significativo na língua pelo próprio usuário e, por não pertencer a nenhuma categoria, já reconhecida, neste seu uso, nem por indicar nenhum valor semântico, ele se encontra numa nova função, a de marcador discursivo.

(13e) E: inclusive isso que eu ia falar ... você não tem marca ... I: *é* e foi ... também muito bem feito né? o médico lá era ... era muito bom ... aí eu fiquei esse tempo lá e só no final de sema/ depois de um certo tempo *é* que ... que iam me visi/ que *é* ... eu pude receber visita né ... eu acho que duas ou três semana ... num me lembro direito ... aí eu e o pior que eu não ... não podia ... não poderia receber visitas assim.

(14f) E: devido o:: I: *é* e foi prematuro né? aí o menino foi ... eu tava até dormindo ... dormia lá no meu quarto só ... lá com meu irmão ela lá dormindo ... que ela era praticamente da família ... aí eu escutei quando ... eu

(14g) E: num tinha nenê em casa ... ((riso)) I: *é* ... aí o menino nasceu ... nasceu aparentemente bom né ... mas quando foi pro hospital ... morreu no hospital

O *é* funcionando como *indicador*: no exemplo (14f), “E: devido o:: I: *é* e foi prematuro né? aí o menino foi ... eu tava até dormindo ...[...].” A noção de semântica para caracterizar o item não é identificada, logo esta função é inválida. A funcionalidade de indicador também é evidenciada no trecho (14f) “E: devido o:: I: *é* e foi prematuro né? aí o menino foi ... eu tava até dormindo ...[...].”

Informante 2ES (I2):

(12a) *é* ... tem uma que eu vivi quando eu estudava o terceiro ano científico lá no Atheneu ... né ... *é::* eu gostava muito do laboratório de química [...]

(12b) uma outra experiência fantástica que eu passei ... foi o seguinte ... a escola pública em mil novecentos e oitenta ... não ... setenta e nove ... tava numa sacanagem tão grande ... a escola pública ... que resolveu adotar outro sistema ... colocaram diretores nas escolas ... diretores mais ... *é* ... rigorosos ... né ... então aconteceu que o Atheneu tava numa baderna tão grande que foram buscar um diretor famoso que tinha lá no Salesiano ... para assumir a direção do Atheneu [...]

O *é* funcionando como *indicador*: no exemplo I2(a) “*é* ... tem uma que eu vivi quando eu estudava o terceiro ano científico lá no Atheneu ... né ... *é::* eu gostava muito do laboratório de química [...]”, o que deveria ter sentido por si só, mesmo de maneira geral, não o tem. A noção de semântica para caracterizar o item não é identificada, logo esta função é inválida.

Informante 3ES (I3):

(13a) *é* ... eu vou:: tem uma experiência que marcou a minha vida ... foi no mês de fevereiro ... no feriadão do carnaval onde a gente fez um retiro para ... pra uma praia de Coqueiros ... fica depois de Touros ... [...]

(13b) [...] ... *é* os cultos à noite né ... os debates sobre o:: *é::* como ser jovem ... como comportamento ... todo ... *é::* num esperava que fosse dessa forma ... passamos o domingo né ... o domingo a gente jogou né ...[...]

O *é* funcionando como *marcador*: neste caso, quando se diz: (13a) “*é* ... eu vou:: tem uma experiência que marcou a minha vida ...[...]

O *é* funcionando como *item funcional*: (13b) “*é* os cultos à noite né ... os debates sobre o:: *é::* como ser jovem ... como comportamento ... todo ... *é::* num esperava que fosse dessa forma”, pode-se dizer que o “*é*” esteja desempenhando um papel gramatical significativo na língua pelo próprio usuário e, por não pertencer a nenhuma categoria neste seu uso, nem por indicar nenhum valor semântico, ele se encontra numa nova função. O verbo “ser” ainda continua vazio em seu uso nos fragmentos, o que não compete afirmarmos o seu funcionamento como carregador de categorias.

Informante 4ES (I4):

(14a) Marcos ... a viagem ao Rio Grande do Sul ... foi da seguinte forma ... ((riso)) *é::* primeiro eu tava sem dinheiro e nessa época eu não trabalhava ...[...]

(14b) *é* ... mas aí ... o espetáculo da ... do ... do amanhecer foi fantástico ... *é* eu nunca me esqueço ... porque ... *é* uma coisa linda Marcos ... você ... eu acho que você já andou de avião e já deve ter visto essas coisa ... já/ já deve ter visto esse fenômeno ... a ... você vê a terra ... *é* ... o horizonte redondo ... e todo o ... como se todo o globo terrestre assim ... aquele ... aquela meia lua toda clareando assim ... [...]

(14c) *é* ... tava com ele ... aí Jor/ aí seu Carrilho disse ... “não ... ainda não fui atendido ... eu gostaria *é::* de quando o senhor tivesse um tempo *é::* o senhor me desse uma certa atenção que eu tô precisando *é::* ver um material aí” ... ele disse ... “olhe ... o senhor me desculpe mas *é* porque hoje talvez num vá ...[...]

O *é* funcionando como *mero carregador* ou *suporte de categorias verbais*: no (14b) “*é* ... mas aí ... o espetáculo da ... do ... do amanhecer foi fantástico ... *é* eu nunca me esqueço ...”, este funcionamento está voltado para uma função gramatical abstrata. O “*é*” nesta função deve expressar certos significados, ou deve exercer uma função própria de outras categorias verbais, contudo, não ocorre.

A seguir, alguns fragmentos das narrativas transcritas de informantes do Ensino Médio, nos quais foram identificados os usos do *é*:

Informante 1 EM (15)

(15a) UNIJOVEM *é* uma união de:: de jovens da igreja né ... UNIJOVEM do Satélite ... *é* união dos jovens da igreja do Satélite a única coisa que eu queria ganhar com aquilo tudo era só amizade pra mim ... só isso mesmo e *é* ... *é* ... *é::* participava de

(15b) algumas coisas como eu tava falando ... né ... participava e tudo e muita gente brincando comigo ... “mas ... Gerson tu *é* doido mesmo sou burro de carga dessa igreja” ... mas ... pelo jeito eu gostava de fazer aquilo porque *é* o meu jeito mesmo de ficar ajudando os outros e tudo mais ... não *é* ... olha aí ... *é::* aí ... mas ... eu sempre falava aquilo brincando ... eu falava que era burro de carga

(15c) agitados demais ... né ... cada um com seu grupo ... né ... eu findi perdendo mas fiquei satisfeito por ter agitado toda a galera ... *é* ... no sábado começou aquela formalidade e tudo ... entrega de prêmio e tudo mais ... tem esse ano ... eu quero o congressista modelo... não *é* ... o congressista que mais participa ... que tava presente em tudo ... que tá sempre ali ajudando a algum jovem ... a organizar as coisas ... “*é* Gerson ... pastor Antonio Martins não sabe quem *é* não?” aí eu pensei que era Júnior ..

(15d) *é::* eu acho que foi isso aí ... a última coisa que aconteceu de importante na minha vida foi isso aí ... *é::* uma coisa bem gratificante

(15e) *é::* *é::* como *é* que chama? criticado ... *é* ... *é* ... odiado ... o pessoal fica com raiva daquela pessoa porque ele quer ser o melhor e tudo mais e:: e acaba num conseguindo aquilo que quer ... né ... e quando a pessoa nem liga ... nem mais espera ... tá ali ... por tá ... fazendo porque quer mesmo ... num tá com interesse nenhum ... aí *é* que consegue ... entendeu ... eu acho que ... o que eu aprendi *é* isso aí ... a

simplicidade ... a ... como *é* que chama ... deixar tudo pra ... você passa tudo que ... que .

Nos trechos apresentados, observa-se vinte e duas ocorrências do *é*, dessas vinte e duas, dezessete funcionam como marcador discursivo, isso mostra a forte presença do verbo estudado no discurso, mesmo com quatro ocorrências do *é* enquanto verbo de ligação, como analisado no trecho (15b): “Gerson tu *é* doido mesmo”, é visível sua forte presença no discurso, como apresenta o trecho (15d): “*é*:: eu acho que foi isso aí”. Os trechos avaliados mostram escolhas dos falantes por determinados elementos em suas opções de uso, por meio dessas considerações, percebemos não só uma questão de simples mudança estilística, mas também o uso de mecanismos enunciativo-discursivos e observamos, nessa perspectiva, o lugar da escolha dos falantes.

Informante 2 EM (16)

(16a) *é* ... por causa ... problemas ... né ... que houve ... né ... ciúmes dela ... dele ... né ... sempre ... nunca ... *é* muito difícil você permanecer onze anos com uma pessoa sem brigar ... né ... sem ter nenhum atrito ... até por diferença de personalidade ... né ... de um e de outro

(16b) mãe sempre gosta de contar essa história pra mim ... né ... *é* uma história que me marca ... eu acho superinteressante ...

Nos trechos avaliados, colhidos do informante dois, foram encontradas três ocorrências do verbo estudado. Duas como marcador discursivo, e uma como verbo de ligação, como podemos observar no trecho (16a): “nunca ... *é* muito difícil”. O emprego de diferentes formas aparece assim como uma pista para a observação de algo que vai além do jogo formal, pois, conforme Orlandi (1988), não há relação automática nem mecânica entre marcas formais e funções quer elas sejam sintáticas, enunciativas ou discursivas. Nesse sentido, é possível observar a presença do verbo no mesmo enunciado com funções diferentes, ora como marcador, ora como verbo de ligação.

Informante 3EM (17)

(17a) ... *é* assim ... aí minha mãe num podia dizer nada ... porque se a gente disser que não vem ... ele deixa a gente lá e vem sozinho ... *é* ... *é* assim ... quando ele quer fazer uma coisa minha filha ... num tem quem empate ... meu pai tem um gênio muito ... ele não gosta de ser mandado ... sabe?

(17b) olha ... eu detesto essas coisa ... eu num admito também ... que mãe ... namorado ... fica ... sabe? pressionando ... *é* ... controlando ... “o que que você fez? por que você fez isso? pra onde você vai?” eu num gosto disso não ... me sinto mal ... eu sou uma pessoa assim que quero viver assim ... depen/ independente ... sem ninguém assim ...

porque me dá logo raiva ... se eu casar com um homem assim ... eu acho que eu me separo logo ... logo porque ... porque ... *é* muito triste ... a liber/ a liberdade *é* uma coisa muito importante ...

(17c) já tô até noiva né? dele ... *é* uma coisa assim mais ... madura ... sabe? saio com ele ... minha mãe nem liga ... aí a convivência *é* maior ... mas com esse outro ... pra você ver nem sinto vergonha ... pelo contrário ... como ... aí como ainda mais ... mas com ele ... uma vez eu fui lancha com ele ... ali no Pits Burg onde era ali no shopping ... *é*:: Cidade do Natal ... né?

(17d): *é* esse ... *é* esse ... aí o Pits Burg era lá ... antes ... agora tá mais pra frente ... *é* ali na Prudente de Moraes ... mais lá pra frente ...

(17e): *é* ... pra num ... sabe? mas foi uma ... um namoro muito bom ... hoje em dia eu tava ... um dia desse tava me lembrando ... uma coisa assim de adolescência ... né? qua/ treze ... quatorze anos ... *é* uma coisa muito ... *é* uma lição de vida ... porque eu me ... eu aproveitei muito ... sabe?

Na análise feita nos trechos apresentados pelo informante quatro, detectamos quinze ocorrências do item *é* em quatorze marcadores discursivos presente no trecho (17d): “*é* esse ... *é* esse ... aí o Pits Burg era lá” e apenas um verbo de ligação presente no trecho (17c): “convivência *é* maior”. Assim, podemos inferir que a presença no discurso determina as regularidades linguísticas, pois, segundo Orlandi (1987) aquilo que *é* processo discursivo sedimentado - logo, produto - se faz processo de interlocução e assim indefinidamente.

Informante 4EM (18)

(18a) *é*:: o congresso que a gente foi a ... *é* ... agora na ... semana santa ... não *é*? o congresso dos jovens batistas aqui de Natal ... a gente realiza de dois em dois anos ... *é* geralmente na semana santa ...

(18b) a cidade *é* pequena ... *é* tudo próximo ... a:: foi ... foi interessante ... não *é* ... a hospedagem ... quanto à hospedagem a única coisa que a gente tem a reclamar ... mesmo foi quanto a ... por incrível que pareça no congresso quando tem essas coisas ... até fica ... depois ... *é* ... anima mais ... E: vocês chegaram lá na quinta-feira à noite?

(18c) nós apresentamos uma peça ... a ... *é*:: a ... o:: a peça falava ... né ... a história de ... alguns ... de ... de jovens né ... de jovens normais que eu digo assim ... o que a gente considera normal né ... que no caso quer dizer ...

(18d) da noite terminou ... a gente foi pra quadra ... e lá na quadra ... a gente ... fez uma ... uma ... uma espécie de social ... não *é* ... que no caso tinha brincadeiras ... tinha ... tinha brincadeiras ... *é* ... uma espécie de ... esportes né ... à noite ... a gente fazia lá ... fez essa social ... foi ... a da noite terminou ... a gente foi pra quadra ... e lá na quadra ...

(18e) a gente ... fez uma ... uma ... uma espécie de social ... não *é* ... que no caso tinha brincadeiras ... tinha ... tinha brincadeiras ... *é* ... uma espécie de ... esportes né ... à noite ... a gente fazia lá ... fez essa social ... foi ... tem uma sala não *é* ... logo após vem uma ... uma sala de ... uma sala de professores né ... a sala de professores ... tem ... *é* ...

(18f): *é* ... cresceu pra cima ... só tem lugar ... espaço pra cima né ... aos lados não tem ... ele *é* verde e branco ... né ... a frente ... a pintura dele *é* verde e branco ... por dentro

também né ... os bancos de ... de cimento que tem não é ... são ... também são verdes ...

(18g) é ... as carteiras são ... são pregadas no chão né ... são aparafusadas no chão né ... eu acho que ... eu acho assim inclusive isso um ponto ... um ponto ruim do colégio ...

Nos trechos apresentados pelo informante quatro, analisamos vinte ocorrências do item *é*. Desses, 17 classificados como marcadores discursivos, como no exemplo do trecho (18f): “*é ... cresceu pra cima ...*” e três classificados como verbos de ligação, como no exemplo (18f): “*a pintura dele é verde e branco*”. Objetivando captar e, se possível, explicar aspectos do funcionamento do item *é*, analisamos a sua aplicação forte como elemento que se direciona para o discurso.

A seguir alguns fragmentos das narrativas transcritas de informantes do Ensino Fundamental Anos Finais, nos quais foram identificados os usos do *é*:

Informante 1FAF (19):

(19a) enquanto os outros dormiam ... *é* o chamado sentinela ... de manhã ... houve um café da manhã ... não ... não um café da manhã tão bom assim ... apenas macaxeira e batata doce ...

(19b) posso ... *é* a minha casa ... ela *é* toda murada ... na frente da casa ... tem um muro ... um portão ... dois portões ... quer dizer ... um ... especialmente para carros ...

(19c) pois a casa pertence ao conjunto ... não foi construída por conta própria ... pertence ao conjunto ... um conjunto habitacional ... ao redor da casa ... *é* encimentado (19d)... mas o quintal todo não *é* encimentado ... algumas partes *é* ... como por exemplo ... desde o portão até a garagem *é* encimentado ... na garagem ... *é* grande dá pra dois carros ... tem uma luz ...

Nos trechos analisados, encontramos oito ocorrências do item *é*, seis delas classificadas como verbo de ligação, conforme exemplo (19b): “*ela é toda murada*”; e dois marcadores discursivos, a exemplo de (19b): “*posso ... é a minha casa*”. Nesses trechos, é possível perceber que, em alguns momentos, a linha de classificação é muito tênue, uma vez que a distinção entre o marcador discursivo e o verbo de ligação se apresenta de forma difusa, conforme exemplo (19b): “*posso ... é a minha casa ... ela é toda murada ...*”, após a afirmação “*é a minha casa*” classificada como marcador discursivo. Em sequência, conseguimos classificar o resto da oração com seu elemento de ligação “*ela é toda murada*”.

Informante 2 FAF (20)

(20a) *é ... aí eu achava nunca que ... não ia nem passar né ... fiquei com tanto medo que pensei que num ia nem passar ... pra mim foi uma surpresa ... aí ficou ... até hoje nunca esqueci também ...*

(20b) *bem ... eu vou descrever ... a minha escola ... é bastante simples ... mas tem ... muita coisa que eu posso falar ... em primeiro ... é:: em primeiro lugar eu vou começar a dizer o seguinte ... a minha sala é ... não é tão ... não é tão grande ... mas também não é ... não é tão pequena ... é um tamanho adequado né ... que dê pra quantidade de alunos ... como esse ano o ... colégio que eu estudo perdeu muito aluno ... é:: que foi ... teve muita gente ... por causa do negócio do preço ... mensalidade ...*

Na análise dos trechos do informante 2 FAF (20), foram encontradas nove ocorrências do item *é*, desses, oito classificadas como marcadores discursivos, conforme exemplo (20a): “*é ... aí eu achava nunca que ...*”, nesse caso, é importante atentar para a presença de dois marcadores compartilhando a mesma sentença, o *é* e o *aí*, reforçando a presença dos marcadores no discurso. No exemplo seguinte, classificamos um verbo de ligação (20b) “*bem ... eu vou descrever ... a minha escola ... é bastante simples*”.

Informante 3 FAF (21)

(21a) *era ... ele é de lá num sabe? é ... ele é o guia turístico ... é:: o nome dele é Luciano ... aí ...ele lá dançando ... aí dançava ó ... assim ... “vou dançar” ... aí todo mundo ... aí ia dançar ... aí dançou com minha prima ... ele já conhecia minha prima ... dançou com minha prima ... aí começou a dançar ...*

(21b) *é pequeno ... médio ou grande?” aí ele disse ... “é ... é ... médio” ...*

(21c) *é ... pode comprar ... porque a primeira coisa ... comprar coisa pra homem ... num é difícil comprar?*

Nos trechos analisados, foram encontradas nove ocorrências no item *é*, seis classificadas como marcadores discursivos, a exemplo de (21c): “*é ... pode comprar*”, e três classificadas como verbo de ligação, a exemplo de (21b): “*ele é o guia turístico*”. Vale observar que em diversos trechos o marcador discursivo organiza e direciona os encaminhamentos de fala e mantém a interação do pensamento do falante com seu ouvinte, os marcadores discursivos – que marcam relações entre os participantes ou entre os participantes e seu discurso, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática.

Informante 4 FAF (22)

(22a) *a moral da história é ... quando o povo diz ... “a ... tenha paciência de Jó” ... é porque ... Jó era o nome do cara aí pronto ... ficou ... ao menos é o que tem na bíblia lá ...*

(22b) *é* ... não tando ... não tando ... depravado pelo homem ... tudo que *é* natural ... tudo que tá preservado pela natureza ... eu acho bonito ... tem as pedras ... que a gente pula pra água ... tem bar ...

(22c) o clube *é* ... mais ou menos um clube de esporte ... num tem esse negócio todo de comprar bebida ... mas ... a gente conhece a dona lá ... o clube *é* ... *é* meio caído ... tem ... as paredes tão todas ... arrebitadas ... tão cheia de buraco ... tem os postes lá com ...

Nos trechos analisados, foram encontrados oito ocorrência do item *é*, dessas, cinco classificadas como marcadores discursivos, a exemplo de (22b): “*é* ... não tando ...” e três como verbos de ligação, conforme exemplo (22b): “tudo que *é* natural”. Dentre as análises e exemplos apontados, é possível compreender que os marcadores discursivos, nesse caso, o item *é*, são elementos que se encontram em processo de mudança linguística, originariamente, como verbos plenos que se deslocam de uma função referente para um lugar com o uso mais interativo, o discurso.

A seguir, alguns fragmentos das narrativas transcritas de informantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais, nos quais foram identificados os usos do *é*:

Informante 1 FAI (23)

(23a) *é* a do sapo e a princesa ... uma princesinha ... ela tava:: brincando com sua bola ... e essa bola caiu num laguinho ... que tinha lá perto da ...

(23b) *é*:: laminado ... fazer as bolinhas bem redondinhas ... que isso *é* meio complicado de fazer ...

(23c) *é* como se a gente tivesse um quadrado aqui na nossa mão ... aí a gente tivesse fazendo assim ... um chapéuzinho ... um negócio assim ...

(23d) a importância de estudar pra mim:: *é*:: pra gente quando crescer:: quando ficar maior ... ser alguém na vida:: estudar pra mim *é* muito bom ... ler e escrever também ...

Nos trechos apresentados pelo informante 1 FAI (23), analisamos seis ocorrências do item estudado, dessas, quatro são classificadas como marcadores discursivos, a exemplo de (23a): “*é* a do sapo e a princesa ...” e duas classificadas como verbos de ligação, a exemplo de (23b): “isso *é* meio complicado de fazer”. Nos trechos apresentados, é evidente o processo de mudança do item *é*, que passa por um processo de abstração comum nas mudanças de função dos itens lexicais, que vão se tornando mais discursivos e abstratos.

Informante 2 FAI (24)

(24a) *é* ... quando os esco/ os lobinhos vão ... porque os escoteiros acampam ... a gente acantona que nós somos lobi/ ((telefone toca)) que eu sou lobinho ...

(24b) *é::* *é::* era uma vez um homem ... um prefeito de uma cidade que ia ter uma data comemorativa ... mas a cidade não tinha dinheiro ...

(24c) *que::* a pessoa nunca: *é::* se confiasse na outra pensando que ela ia ... que ela iria fazer o certo ... e se ... e você mesmo fizesse o certo ...

(24d) *é::* outro ... sim ... Ricardo Rocha ... Ricardo Gomes ... *é::* e mais outros ..

Na análise do informante 2 FAI (24), foram encontradas seis ocorrências do *é*, todas se classificam como marcadores discursivos e, em sua maioria, marcam o início das falas.

Informante 3 FAI (25)

(25a) *é* ... você me dá o dinheiro e eu lhe dou seu amigo de troca” ... ele disse ... “ah meu Deus” ... daí deu o dinheiro e o homem fugiu com o amigo dele e o ... o dinheiro ... daí eles correram atrás do homem ... no carro ...

(25b) *é::* o nome de colégio *é* ... *é* Antônio Pinto ... tem o portão ... o colégio *é* branco ... tem o portão ... a gente entra ... quando a gente entra ... *é::* tem em frente o pátio ((desconcentração da informante por causa da presença da amiga)) ...

(25c) *é::* a direção ... *é::* a ... sala da diretora ... tudo ... daí na:: na sala de aula tem o quadro ... que *é* verde e ao redor de madeira ... tem a:: a:: a carteira da professora ...

Com base nos dados obtidos pelo informante 3 FAI (25), foram encontradas nove ocorrências do item *é*, dessas, quatro analisadas como marcadores discursivos, a exemplo de (25a): “*é* ... você me dá o dinheiro” e cinco como verbo de ligação, conforme exemplo (25b): “*é::* o nome de colégio *é* ... *é* Antônio Pinto”. Vale ressaltar que nesse exemplo fizemos uma retomada para classificar o item como verbo de ligação, pois, sem isso, o elemento tem muitas características de marcador discursivo.

Informante 4 FAI (26)

(26a) tem ... *é* o filme ... o filme do E.T. ... foi no ano passado ... ano passado ... quem me disse ... quem me contou esse filme foi Welton ...

(26b) *é* assim ... faz ... pega um ... uma laranja e um limão e espreme ... bota na máquina ... na máquina ... deixa até escorrer ... e depois bota no liquidificador e fica igualzinho a fanta ... o gosto de fanta ...

(26c) *é* ... o limão e descasca o limão e a laranja ... espreme ele e fica igualzinho a suco de ... e bota açúcar ...

(27d) *é ... tem uns filmes que são bons ... mas tem outros que são ruim ... que são de guerra ... quase todos ... a maioria são de guerra ... de violência ... todos ... a maioria de todos os filmes é pornografia ...*

A partir dos trechos analisados, foram encontradas cinco ocorrências do *é*, das quais quatro se classificam como marcadores discursivos e, em sua maioria, marcam o início das falas. Entretanto, no final do trecho (27d): “a maioria de todos os filmes *é* pornografia...”, encontramos um único verbo de ligação.

A seguir, alguns fragmentos das narrativas transcritas de informantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais, primeiro ano/alfabetização, nos quais foram identificados os usos do *é*:

Informante 1 FAI/ALF (27)

(27a) *ah ... porque adulto ... porque adulto ... é:: adulto faz é:: tanta coisa ... varre casa ... lava louça ... cozinha coisa ... de cuidar de criança ... ((riso)) como Lúcia ... como Lúcia ... meu primo que é nenê ... Lúcia cuida tanto que os braço dela tudo doído ... de tanto colocar no braço ... é ruim ... ser criança ... ô ... ser adulto ..*

Com suporte no trecho analisado, foram encontradas quatro ocorrências do *é*, dessas, três marcadores discursivos e um verbo de ligação.

Informante 2 FAI/ALF (28)

(28a) *assim ... foi é:: o Pica-Pau furou a cabeça do homem ...*

Segundo o trecho analisado, classificamos um marcador discursivo sem ocorrências de verbo de ligação.

Informante 3 FAI/ALF (29)

(29a) *foi na:: no:: é:: no parque ... cheio de coisa ... foi segunda-feira ... lá tinha brincadeiras demais ... tinha brincadeira de esconde ... de:: é:: de roda ... de:: é:: comprar coisas ... de jogar aquele ... é:: pegar as tinta e ficar brincan::do ... um bocado de coisa ... agora o que mais?*

(29b) *é:: eles ficar conversando da minha formatura ... a gente comprou pirulito ... bombom ... chiclete ... chocolate ... um bocado de coisa ... pode dizer outra coisa?*

(29c) a gente disse aonde que a ma/ a ma/ a nossa mãe tava ... pra ir conversar ... aí tava lá:: *é::* aonde que vendia pirulito ... aí ... pode dizer *é:: é::* número *é::?* foi segunda-feira ... dez de outubro ... deixe eu pensar mais ... *é* foi um bocado de coisa ... quando minha prima chegou ... aí juntou as coisa pra ficar mais ... porque a gente ia passar:: um bocado de tem:: po ... um bocado de tempo ...

(29d) a gente foi brincar ... aí a gente tinha que ir pro colégio ... fazer ... essas coisa ... ir pro colégio ... *é::* fazer tarefa ... *é::* lanchar ... ir pro parque ... como a gente voltou ... a gente começou:: a brincar:: começou a brincar ... como brincou ... as menina veio chamar a gente pra brincar pra gente ficar ... ir ... *é* ... *é::* na rua brincando ...

Com base nos dados obtidos pelo informante 3 FAI (29), analisamos quatorze ocorrências do item *é*, e todas classificadas como marcadores discursivos.

Informante 4 FAI/ALF (30)

(30a) aí brinquei no avião:: na roda gigante ... no:: como *é?* *é::* no/ nos carros ... nos pássaros ... nos patos ... todos canto ... fui no ... fui no ... Piauí visitar a mim/ a casa da minha mãe ... a casa dela lá *é* bem lá perto do:: depois ... depois ... lá do:: *é* lá no Parque dos Coqueiros ...

(30b) começou ... *é::* eles numa ... numa briga no ... com:: o:: rei He Man aí eles foram ... eles foram parar na:: na:: no rio ... no rio lá ... aí ... aí ... aí tinha uma vaca ... aí tinha ... um ... um ... um monstro ... aí chegou He Man ... brigou ... brigou ... aí foi na outra ... quando foi na outra ... aí começou outra a brigar ... aí ... aí:: *é::* aí:: como *é?* aí tinha um menino ... aí tinha um:: um negócio assim ... assim ... aí apertava um botão e fazia ZUMM ((o informante imita o som))

(30c) *é* ... só num tem flor ... aí tem uma ... tem uma loja que vende um monte de carro ... aí ... aí tem um ... o ... o dono do ... tem ... tem um monte de *é* ... pipoca ... posso falar coisa de pipoca?

No trecho analisado, encontramos nove ocorrências do *é*, todas classificadas como marcadores discursivos. Em (30b) começou ... *é::* eles numa ... numa briga no ... com:: o:: rei He Man aí eles foram ... eles foram parar na:: na:: no rio ... no rio lá ... aí ... aí ... aí tinha uma vaca ... Observamos a presença marcante de outro marcador discursivo, o *aí*. Tais elementos possuem propriedades tanto interacionais, quanto intratextuais, nas palavras de Marcuschi (1989, p. 282), “organizadores da interação, articuladores de texto e indicadores de força ilocutória”. Dessa forma, esses elementos atuam como organizadores textuais e confirmam a atenção do ouvinte para aquilo que está sendo apresentado.

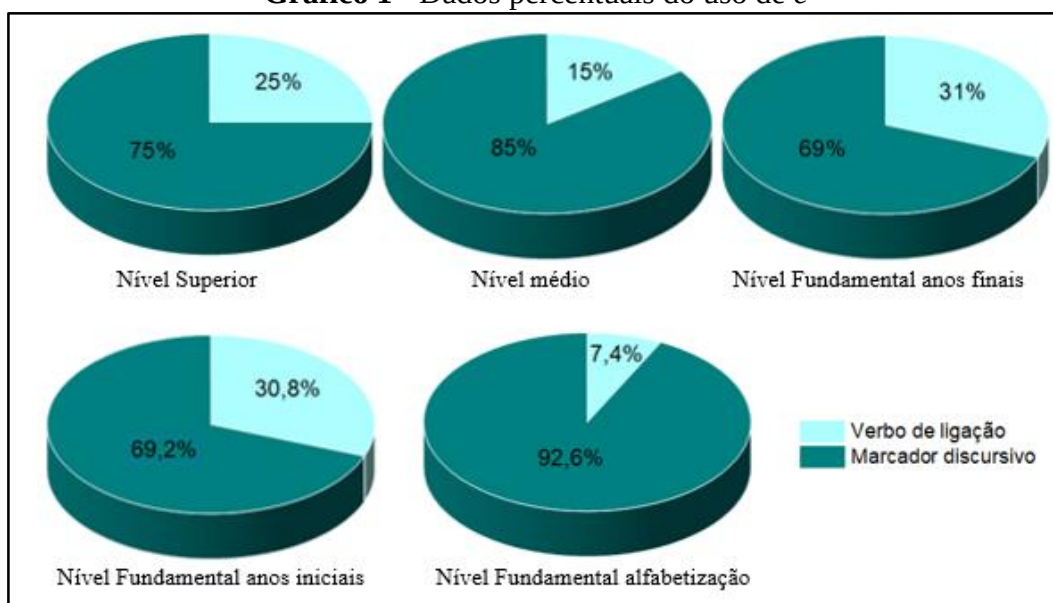
Tabela 1 - Registro de ocorrências gerais do uso do *é*

Ocorrências	Verbo de ligação	Marcador discursivo	Total
Nível superior	8	24	32
Nível médio	9	51	60
Nível Fundamental anos finais	13	29	42
Nível Fundamental anos iniciais	8	18	26
Nível Fundamental alfabetização	2	25	27
Totais	40	147	187

Fonte: Elaboração da autora.

Após analisar a tabela com os registros de ocorrências do item estudado, constatamos 187 ocorrências presentes nas narrativas orais dos 20 falantes analisados; dessas, 147 classificadas como marcador discursivo, ou seja, mais da metade do registro total. Nas narrações apresentadas e analisadas, percebemos o item *é* estabelecendo elos coesivos entre as partes das narrações, com objetivo de manter a relação entre o falante/ouvinte e organizando seu planejamento de fala.

A versatilidade na utilização do marcador discursivo é consequência do processo de mudança linguística que os tem levado de um uso originalmente lexical para a utilização no discurso. Apesar da origem verbal, o item estudado não se comporta como verbo, entendendo aqui as questões relacionadas à flexão e à ligação. Em nossas análises, esse item se apresenta como uma estrutura existente na gramática internalizada do falante, mas não existente na gramática normativa, ainda que muitos estudos apontem o funcionamento e importância desse item na interação, os marcadores discursivos não são reconhecidos como uma categoria nas gramáticas normativas e, conseqüentemente, não são apresentados nem estudados pelos discentes. Dessa forma, é plausível esperar que o item lexical *é*, nos termos de Bybee (2013), a partir dos contextos narrativos apresentados, possa dar origem à função de marcador discursivo.

Gráfico 1 - Dados percentuais do uso de *é*

Fonte: Elaboração da autora.

No gráfico acima, é possível perceber as proporções de ocorrência para cada uma das categorias analisadas. Com base em cálculos percentuais, percebemos que o uso do item lexical *é* está presente em todas as narrativas analisadas, do ensino superior ao nível fundamental, de forma abrangente. Dos quatro informantes do nível superior, foi constatado 75% de ocorrência do item lexical *é* enquanto marcador discursivo, e apenas 25% da utilização do item enquanto verbo de ligação.

Vale destacar que o item analisado está presente de forma pertinente e em maior quantidade, mesmo quando observamos os diferentes níveis de escolaridade dos participantes da narrativa. Nesse viés, é possível comprovar a nova função do *é*, que se movimenta da categorização gramatical para o discurso, em alguns casos, é perceptível a dupla função do item, ora como marcador, ora como verbo de ligação.

A observação entre as narrativas dos informantes de nível superior tem proximidade relevante com os informantes do nível fundamental anos finais, constatamos 42 ocorrências, dessas, 69% são classificadas como marcadores discursivos. Já no ensino superior, de 32 ocorrências totais, 75% são marcadores discursivos. Para a presença do item enquanto verbo de ligação, temos no ensino superior 8 ocorrências, que correspondem a apenas 25% do total. No nível fundamental anos finais, 13 ocorrências da utilização do verbo de ligação, que correspondem a 31% da totalidade do gráfico apresentado. Em todas as ocorrências analisadas, a utilização do item *é* como marcador discursivo foi maioria, o que constata um alto índice de ocorrência do item *é* no discurso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises obtidas por meio do estudo funcionalista sobre o verbo *ser* nas narrativas de experiência pessoal são dissonantes das construções previstas nas gramáticas normativas e históricas. A partir desse fio condutor, a principal problemática desta pesquisa veio à tona: há uma nova forma linguística deste verbo no uso ou existe um uso “indevido” desta forma verbal? Nossa principal hipótese aponta que a forma gramatical do verbo *ser* foi difundida pelo sistema linguístico ao ponto de configurar a sua gramaticalização no português. Nas palavras de Hopper e Traugott (2003), a gramaticalização é o processo mediante o qual itens lexicais e construções passam a desempenhar, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, passam a exercer novas funções mais gramaticais.

A partir dos direcionamentos apontados, seguimos as análises das narrativas de experiência pessoal, aprofundamos as teorias funcionais e buscamos comprovar o processo de gramaticalização precipuamente apontado. Conforme afirma Bybee (2003), a gramaticalização é a formação de novas construções, assim, na análise realizada neste estudo, percebemos uma nova formação do item lexical é que sai da normatização gramatical, como um verbo de ligação, e vai para as narrativas orais exercendo a função de marcador discursivo. Ainda de acordo com Bybee (2003), a periodicidade é muito importante para a mudança linguística e é um dos fatores responsáveis pela criação de construções da língua. Os marcadores discursivos ficam normalmente fora da oração ou da predicação principal e indicam a atitude do falante para com o conteúdo da oração.

O retrospecto dos estudos e os seus desdobramentos apontam que, apesar de ainda não serem reconhecidos pela gramática normativa, os marcadores discursivos interacionais, neste caso, o *é*, se firmam como elementos de uma categoria, dado o seu comportamento sistemático e os indícios de normatização em contextos de escrita. Assim, ante o contexto de mudança em que vivemos, ativo e sempre aberto a novas concepções, cabe à escola/ docentes incorporar os avanços de pesquisas linguísticas e inserir a categoria dos marcadores discursivos nos programas de educação linguística em língua materna. A compreensão do que é um marcador discursivo, entender sua função no discurso e sua trajetória da fala para a escrita acrescenta ao falante o entendimento da funcionalidade da sua língua. Uma vez que os constituintes são sistematizados na língua marcam práticas de uso e ganham relevo no discurso, e consequentemente podem ser responsáveis pela regularização e atualização gramatical.

Ante o exposto, afirmamos que o item lexical, dentro das narrativas orais analisadas, apresenta uma nova categorização gramatical: a de marcador discursivo. Constatamos também que esse item, pelos critérios analisados, exerce a função de item funcional. Ainda de acordo com Oliveira e Votre (2009), as definições de discurso e gramática sofreram algumas alterações desde quando começaram a ser utilizadas no âmbito do funcionalismo linguístico.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. **Gramática histórica da Língua Portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1996.
- ALMEIDA, Christiano Pereira de. Reflexões sobre o papel da linguagem em Aristóteles e Wittgenstein. **RÓNAI: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 89-100, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/23183/12820>>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- ALMEIDA, V. **Os verbos de remoção no português brasileiro**. Monografia (Bacharelado em Linguística). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2015, 37 p.
- ARISTÓTELES. **As Categorias**. Trad. Fernando Coelho. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.
- _____. **Da Interpretação**. Trad. José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- _____. **De Anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes Reis. São Paulo. Ed. 34, 2006.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna 1999.
- _____. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BYBEE, Joan. **Mudança linguística**. Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. Petrópolis – RJ: Vozes, 2020. (Coleção de linguística).
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no PB. **Revista da Abralin**, v. 9, n. 2, p. 123-147, 2010.
- _____. **Introdução à semântica lexical**: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEZARIO, M. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DE CLERCK, B.; COLLEMAN, T.; WILLEMS, D. Introduction: a multifaceted approach to verb class. **Linguistic**, v. 51, n. 4, [s.l.], p. 663-680, 2013.

FILLMORE, Charles J. **Principles of case grammar**: The structure of language and meaning. Tokyo: Sanseido Publishing Company, 1975.

_____. The case for case reopened. In: COLE, Peter; SADOK, Jerrold M. (Eds.). **Syntax and semantics**, Vol. 8: Grammatical relations. New York: Academic Press, 1977, p. 59-81.

_____. The grammar of hitting and breaking. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham: Ginn, 1970, p. 120-133.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Angélica; TAVARES, Maria Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA, Angélica; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal - RN: Editora da UFRN, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

HEINE, Bernd; REH, Mechthild. **Grammaticalization and reanalysis in African languages**. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. (Cambridge Textbooks in Linguistics).

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. **Language**, v. 60, p. 703-83, 1984.

HORROCKS, G.; STAVROU, M. Morphological Aspect and the Function and Distribution of Cognate Objects Across Languages. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. **Lexical Semantics, Syntax, and Event Structure**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 284-308.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (CD-Rom).

JACKENDOFF, R. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge: MIT, 1972.

_____. **Semantic Structures**. Cambridge: MIT, 1990.

_____. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge: MIT, 1972.

_____. **Semantic Structures**. Cambridge: MIT, 1990.

KASPARY, Adalberto J. **O verbo na linguagem jurídica: acepções e regimes**. 4. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1996.

LAKOFF, G. **Irregularity in Syntax**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

LEVIN, B. **English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

_____. What is the best grain-size for defining verbs? – Conference on Word Classes: Nature, Typology, Computational Representations. **Second Triple International Conference**, 24-26/03. Roma: Università Roma Ter, 2010.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 46. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. A mudança linguística. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M. *et al.* (Orgs.). **Linguística funcional teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 1993.

NASCIMENTO, Edmundo Dantès. **Linguagem forense**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

NICOLA, José de. **Língua, Literatura e Redação**. 8. ed. Revisada e Ampliada. São Paulo: Scipione, 1998. p. 432-439. (Vol. 2).

NUNES, Joaquim José, **Compêndio da gramática histórica portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Livraria Clássica.1945, p. 268-340

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; VOTRE, Sebastião Josué. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 97-114, jun. 2009.

RIBEIRO, Manuel P. **Nova gramática aplicada da língua portuguesa**. 14. ed. Rio de Janeiro: Metáfora editora, 2013.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Gramática: nunca mais**. O ensino da língua padrão sem o estudo da gramática. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais? Estudos Linguísticos, Campinas: **Revista Estudos Linguísticos**, v. XXXIII, p. 01-06, 2004.

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell, 1967.

VOTRE, Sebastião. **Linguística Funcional: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

VOTRE, S. J.; NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. **D.E.L.T.A.** (São Paulo), v. 5, n. 2, p. 169-84, 1989.